

Corrida de rua
avança 85%
no país e agita
o mercado de
marcas esportivas



Obras do
primeiro 'hospital
inteligente'
começam em
novembro



JBS inaugura a
segunda fábrica
na Arábia Saudita
e acirra disputa
com a MBRF



ISTO É Dinheiro

Edição 18 - 30/1/26

O TOMBO DO DÓLAR

Políticas erráticas do governo de Donald Trump derrubam o dólar para o valor mais baixo em quatro anos e criam um cenário de turbulência e imprevisibilidade



Capa

Página

6

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL

Daniel Hessel Teich

ISTOÉ
Dinheiro

EDITORA

Érica Polo

DIRETOR DE ARTE

Alexandre Akermann

DESIGNER

Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL

Edgardo A. Zabala

www.istoedinheiro.com.br

Instagram

instagram.com/istoe_dinheiro/

YouTube

m.youtube.com/@istoe_dinheiro

X

x.com/istoe_dinheiro

Facebook

facebook.com/istoedinheiro

TikTok

tiktok.com/@revistaistoe

LinkedIn

linkedin.com/company/istoe-dinheiro/

Redação e correspondência

Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ DINHEIRO é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

Dólar cai ao menor patamar em quatro anos em cenário de imprevisibilidade

Índice

CAPA: MONTAGEM COM IMAGEM GERADA POR IA E FOTOS DE DIEGO DELSO E TÂNIA RÉGO/AGÊNCIA BRASIL

3 ENTREVISTA

6 ECONOMIA

11 INTERNACIONAL

16 NÚMEROS DA SEMANA

17 MERCADO DE CAPITAIS

19 EMPRESAS

24 RURAL

28 TECNOLOGIA

31 ESTILO DE VIDA

37 O MELHOR DAS REDES

38 PALAVRA POR PALAVRA

39 COLUNA



Mercosul-UE: travas e costuras políticas



Xeque Mate traz nova bebida ao mercado



Turismo: a alta do fluxo de argentinos

'Não estamos mais falando de protótipos'

Em entrevista à IstoÉ Dinheiro, o CEO da Scania para a América Latina, Christopher Podgorski, fala sobre as consolidadas tecnologias de eletrificação da frota e como a multinacional sueca enxerga a fotografia do mercado em 2040

"No Brasil, já produzimos chassis de ônibus elétricos em São Bernardo do Campo e, à medida que negócios se concretizem, passaremos a produzir caminhões elétricos localmente"



LEONARDO MONTEIRO

A multinacional sueca Scania deu os primeiros passos há mais de cem anos no universo de vagões ferroviários e bicicletas antes de se tornar uma gigante global do segmento de caminhões. No Brasil, a marca que opera desde 1957, tem como um desafio central agora a eletrificação da frota. Em entrevista à IstoÉ Dinheiro, o CEO da Scania para a América Latina, Christopher Podgorski, detalha a ambiciosa jornada de descarbonização da companhia, aborda mais um ciclo de investimentos de R\$ 2 bilhões no mercado brasileiro

visando transformações da frota e, também, como a nova fábrica da Scania na China — o maior investimento da história da marca — está redefinindo a competição e a eficiência tecnológica global.

"No Brasil já produzimos chassis de ônibus elétricos em São Bernardo do Campo e, à medida que negócios se concretizem, passaremos a produzir caminhões elétricos localmente. A tecnologia já é dominante e provada: não estamos mais falando de protótipos", disse o executivo.

Eduardo Vargas

Como a Scania está posicionando a eletrificação de veículos pesados na América Latina, considerando que o grande público ainda vê isso como inusual para caminhões?

A eletrificação é um tema que atrai muito o público, mas o nosso foco real é a descarbonização do setor de transportes. É uma jornada que já dura pelo menos dez anos na Scania. Com o Acordo Climático de Paris, entendemos que éramos parte do problema e precisávamos ser parte da solução. Nossa estratégia, que chamamos de 'Drive the shift'

[algo como conduzir ou impulsionar a mudança], busca tecnologias e fontes energéticas limpas. A eletrificação é uma dessas tecnologias, e globalmente já estamos na terceira geração de caminhões elétricos pesados. No entanto, para ela operar com eficiência e custos competitivos, precisamos de infraestrutura de carregamento e de uma rede elétrica que suporte veículos de 600 volts. No ano passado, a venda de pesados elétricos na Europa e China não superou 1% do total, mas a China tem avançado de forma coordenada. No Brasil, já produzimos chassis de ônibus elétricos em São Bernardo do Campo e, à medida que negócios se concretizem, passaremos a produzir caminhões elétricos localmente. A tecnologia já é dominante e provada: não estamos mais falando de protótipos.

Há previsão de quando teremos frota majoritariamente eletrificada ou descarbonizada no Brasil?

Estudos apontam que, em 2040, teremos uma matriz de transporte carbono neutro. Mas não existe uma “bala de prata”. Para a frota comercializada naquele momento, prevemos um cenário de 40% composta por veículos que rodam com combustíveis renováveis (biocombustíveis), 40% com soluções eletrificadas e 20% com células de hidrogênio. É importante notar que, diferentemente do carro de passeio, o caminhão é um bem de capital que precisa dar retorno sobre o investimento. O diesel hoje é um inimigo duro de abater porque ganhou muita eficiência. Um caminhão atual emite 92% menos particulados [partículas expelidas que formam um rolo de fumaça] e óxidos de nitrogênio do que um de 2011. Só desenvolvendo engenharia, a digitalização e veículos conectados, conseguimos reduzir o consumo de combustível em 20% em apenas oito anos, transportando mais com menos [uso de combustível], sem mudar a matriz energética, o que já é um avanço.

O custo de um caminhão elétrico é cerca de 2,5 vezes maior que o movido a diesel. Como essa conta fecha para o transportador?

Muda o balanço entre capex [quando a empresa compra um bem] e opex [custo operacional]. Você paga mais



REPRODUÇÃO

caro na compra, mas reduz substancialmente o custo de energia por quilômetro e a manutenção, já que há menos peças móveis. É uma equação que se paga ao longo do tempo, desde que haja infraestrutura. Hoje, essa viabilidade se concentra nos eixos Rio-São Paulo e São Paulo-Campinas, onde estão os grandes data centers e há abundância de energia. Para solucionar esse gargalo, nosso ciclo de investimento de R\$ 2 bilhões recém-anunciados foca na industrialização de elétricos e em oferecer soluções ‘turn key’ [modelo contratual], que

incluem acesso a carregadores em nossa rede de mais de 200 concessionárias.

Como você avalia a posição do Brasil e da América Latina frente ao mundo nesse cenário de transição?

O Brasil está muito bem posicionado porque definiu as regras do jogo com políticas públicas, como o Combustível do Futuro e o Mover. A indústria precisa dessa previsibilidade. A Argentina vive um momento de transformação e não tratou o tema com o mesmo afinco por impossibilidades próprias. Já o Chi-

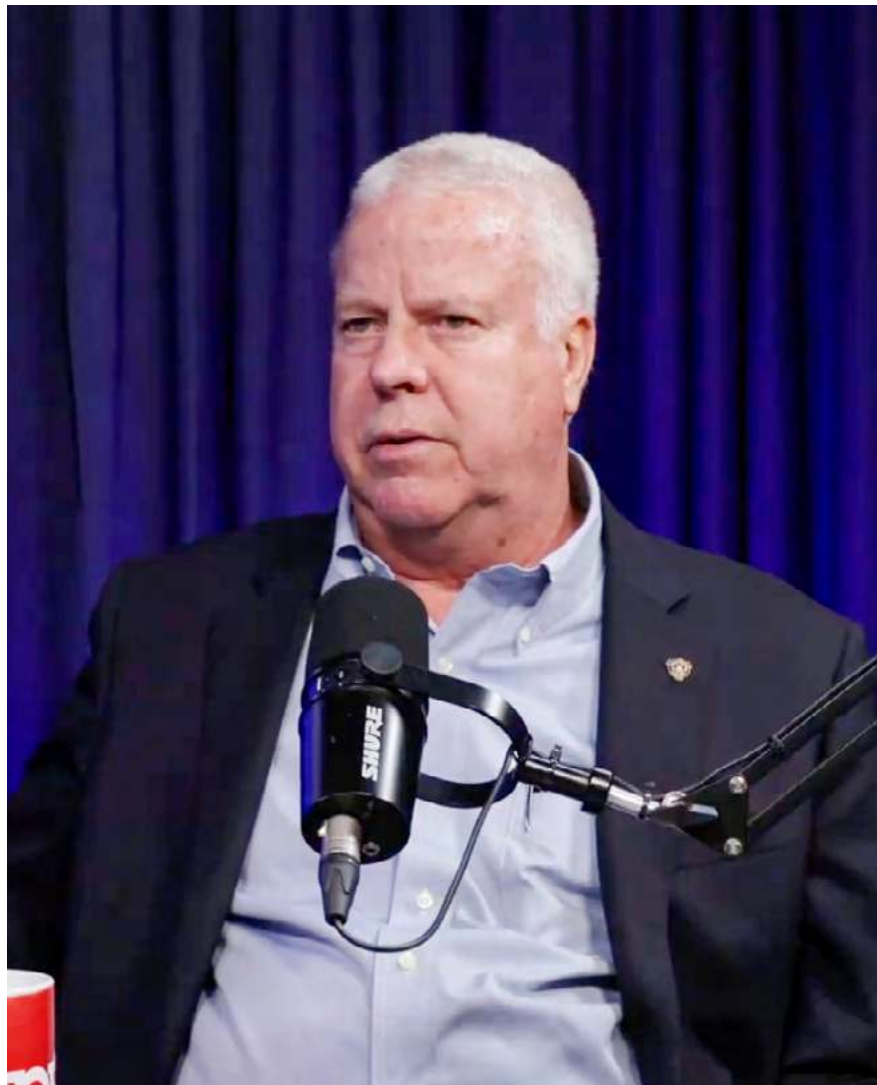
le é um mercado totalmente aberto, um verdadeiro laboratório onde mais de 30 marcas, inclusive chinesas, competem sem barreiras. No Brasil, os chineses são bem-vindos, mas precisam seguir nossas regras de investir localmente, gerar empregos e desenvolver tecnologia aqui, como fazemos há quase 70 anos.

Recentemente o governo federal anunciou o programa Move Brasil, que prevê R\$ 10 bilhões em crédito e pode impulsionar a renovação de frota no país. Qual é o impacto do incentivo?

Vemos com bons olhos. O mercado de caminhões pesados caiu mais de 20% entre 2024 e 2025, não por falta de demanda de carga, mas porque o financiamento atrelado à taxa Selic de 15% tornou os negócios inviáveis. O transportador pagava seis caminhões para levar cinco, devido aos juros. O programa de crédito, Move Brasil, utiliza fundos do BNDES que estavam parados para destravar o mercado sem onerar o Tesouro [Nacional]. Desde a regulamentação, em janeiro de 2026, geramos mais de R\$ 100 milhões em negócios para a Scania. Isso antecipa vendas que seriam feitas lá na frente e mantém a cadeia de suprimentos em movimento enquanto aguardamos a queda da Selic.

A Scania inaugurou recentemente uma megafábrica na China. Pode falar sobre o projeto? O que vocês aprenderam com a velocidade chinesa?

Foi o maior investimento da história da Scania em um único projeto: 2,2 bilhões de euros. O que mais impressionou foi a velocidade. Foram vinte e seis meses entre a decisão e a fábrica operando em um local que era uma plantação de arroz. Isso é, no mínimo, 50% mais rápido do que em qualquer outro lugar. A China é um 'powerhouse' de pesquisa e desenvolvimento e não podíamos ignorar sua força. Decidimos estar lá como uma empresa 100% Scania, sem sócio estatal, para aprender e competir. Em 2026 somos obrigados a produzir 10 mil veículos lá, mas a demanda já supera isso. Enviamos 37 famílias de profissionais brasileiros para ajudar nesse projeto e o aprendizado cultural é imenso. O chinês tem um foco absurdo na



REPRODUÇÃO

execução e a atmosfera de Xangai mudou drasticamente em dez anos graças à eletrificação de veículos leves.

A competição chinesa preocupa? Como manter o mercado brasileiro diante da sobrecapacidade que eles exportam?

A sobrecapacidade deles é notória e eles buscam mercados onde as barreiras são menores. Nossa defesa é a regra do jogo: quem quiser vender aqui em volume precisa desenvolver a cadeia de valor local. Sobre o interesse chinês em investir em ferrovias no Brasil, não vemos como uma ameaça disruptiva. A multimodalidade é saudável. Para commodities de baixo valor em longa distância, a ferrovia faz sentido, mas

na ponta de cada trilho sempre haverá um caminhão.

Você viveu parte de sua trajetória na Suécia, país de origem da Scania. O que aprendeu por lá?

A Suécia é um país de consenso e horizontalidade. Lá, o cargo vale menos que o argumento. As discussões são longas até que todos concordem, mas, uma vez tomada a decisão, a execução é extremamente veloz porque não há ninguém jogando contra. É uma sociedade que deu certo, onde o cidadão entrega 50% do que ganha em impostos, mas recebe serviços que funcionam. Trazer esse respeito ao indivíduo para a Scania local é relevante. O engajamento humano faz a diferença. **D**



Dólar recuou mais de 5% diante do real em janeiro, quase metade do observado em 2025

JEENAH MOON

No embalo do caos

Iniciativas adotadas pelo governo Trump abalam o dólar, que caiu ao menor patamar em quatro anos em relação às seis moedas mais valiosas do mundo, e geram um cenário de turbulência e imprevisibilidade

Érica Polo

As peripécias e políticas erráticas do presidente Donald Trump mundo afora acertaram o dólar em cheio nos últimos meses. O efeito, entretanto, atingiu um estágio agudo em meio às confusões envolvendo a Venezuela, a Groenlândia e às ações execráveis da polícia de imigração nos Estados Unidos. Até então, a estratégia de derrubar o dólar em relação a outras moedas importantes do mundo era vista como um movimento deliberado para aumentar a competitividade das exportações americanas no mercado internacional. Sob esse aspecto, poderia ser uma medida saudável ao constituir um pilar para a reindustrialização. Com o movimento dos últimos dias, a perda de valor da

moeda tem incomodado boa parte dos americanos.

O efeito das novas encrencas do americano, antes mesmo de encerrado o primeiro mês de 2026, já é consideravelmente forte. A moeda americana chegou a recuar para o menor patamar em quatro anos na terça-feira desta semana em um índice que mede o desempenho do dólar diante de seis das moedas mais valiosas globalmente. O DXY compara a moeda americana ao iene (Japão), libra esterlina (Reino Unido), dólar canadense, coroa sueca e franco suíço. Para Trump, apesar disso, o valor da moeda “está ótimo”. “Veja o valor do dólar, os negócios que estamos fazendo. O dólar está indo muito bem”, disse Trump em

um evento em Iowa na terça. Declarações do mandatário americano à parte, os efeitos são notáveis também sobre o real brasileiro.

A queda de aproximados 5,5% somente no acumulado de janeiro é quase metade da desvalorização observada no ano todo de 2025. A moeda fechou cotada a R\$ 5,19 nesta quinta-feira, 29. No ano passado, diante do real, a moeda americana perdeu 12,2%, e encerrou 2025 a R\$ 5,47 observada a cotação comercial, que reflete o preço real de transações fechadas, segundo dado da B&T XP. Se observado o recorte ptax, média calculada pelo Banco Central (BC), a baixa em janeiro se aproxima a 5,8% até o dia 28, informa a consultoria Elos

Ayta. Tal baque gera impacto atípico para a tomada de decisões não só de investimentos, mas para tocar os negócios – levando à necessidade de desenvolver estratégias para lidar com o mundo em caos constante.

“Quando o DXY cai, moedas emergentes respiram”, conclui Diego Costa, head de câmbio no Norte e Nordeste da B&T XP. Com a turbulência geopolítica, uma consequência direta é o novo rumo do dinheiro de investidores e empresas, sobretudo para os emergentes. O Brasil acaba sendo uma escolha natural. É um dos países menos instáveis politicamente se observado o universo dos Brics, por exemplo – formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. O contexto explica, em parte, porque diante do real a moeda americana perdeu forte valor antes mesmo do primeiro mês do ano chegar ao fim.

Economistas consultados pela IstoÉ Dinheiro avaliam que, especificamente em janeiro, o recuo diante do real é causado basicamente pelos movimentos dos Estados Unidos. Soma-se ao efeito Trump a política de juros japonesa, que desmonta operações chamadas de *carry trade*, uma prática comum no mer-

cado financeiro. “Isso é tomar dinheiro barato no Japão, emprestar no resto do mundo e ficar com a diferença de juros”, disse Felipe Sant’Anna, analista da Axia Investing. O desmonte de *carry trade* também mexe com o dólar, já que os empréstimos tomados no Japão em iene são trocados por dólares, gerando demanda por moeda americana – que pode ser investida em outros mercados com juros altos, como os emergentes.

Se observado o médio prazo, ou seja, o ano de 2025, o dólar caiu diante do real por ajuda de elementos domésticos. O patamar ao final de 2024 era alto, na casa de R\$ 6,20, após a divulgação de um pacote fiscal pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva acompanhado de proposta de isentar Imposto de Renda (IR) para quem ganha até R\$ 5 mil mensais – projeto que foi aprovado no ano passado pelo Congresso Nacional. Embora fosse uma promessa de campanha, o anúncio causou celeuma culminando em uma corrida por compra de dólares no mercado brasileiro.

“O mundo está confuso”, continua Sant’Anna. Nesse momento, além de renda fixa e bolsas nos emergentes, os ativos considerados seguros, como ouro

e prata, ganham atenção. O Brasil é um emergente com empresas sólidas e de grande porte, a exemplo de Petrobras, Vale, bancos, metalúrgicas e grandes varejistas, continua o analista da Axia. O fluxo, por si só, já pressiona o câmbio por um motivo muito simples, reforçam os economistas: o dinheiro entra no Brasil e o mercado fica “inundado” de dólares. Então o investidor investe o real que adquiriu em renda fixa para ganhar com a Selic, em alto patamar (15% ao ano) e em renda variável. “Os papéis estão baratos”, continua Sant’Anna.

O Ibovespa, principal indicador da bolsa de valores brasileira, a B3, por evidenciar o desempenho das ações mais negociadas no país, ganhou quase 13% no acumulado de janeiro em dólares (9% em reais) até 22 de janeiro. É a quarta posição em um ranking elaborado pela Elos Ayta que comparou 21 índices do mercado financeiro neste início de ano. Os movimentos de Donald Trump contribuíram para que as bolsas de valores da América Latina apresentassem os melhores desempenhos de 2026 à frente de indicadores do próprio mercado americano, o maior do mundo, como o índice Dow Jones, com alta de 2,75% no mesmo período, S&P e Nasdaq, que avançaram, nessa ordem, 0,99% e 0,83%. O mercado peruano liderou o ranking global com o bom desempenho do índice S&P/BVL General, que já acumula alta de 20,06% em moeda americana.

Se por um lado as empresas estão atraindo capital, dentro delas, a previsibilidade para tomar decisões relacionadas à condução do negócio, o que envolve o fechamento de contratos, fica mais desafiadora em meio ao redesenho de parcerias entre países. Mesmo quem não exporta está sujeito às intempéries do mundo atual, caso, por exemplo, adquira matérias-primas de outros mercados. O risco é de “mão dupla”, avalia o professor da Fipecafi, Rogério Paulucci Mauad. “Se as ações de Trump elevarem a percepção de risco internacional, devido a tarifas e choque geopolítico, pode ocorrer o que o mercado chama de flight to quality. Ou seja: Trump pode, dependendo do contexto, enfraquecer ou fortalecer o dólar”, disse. O que muda, continua, é a percepção em relação à moeda americana, se “dólar como risco político” ou “dólar como porto seguro”,



Jerome Powell,
presidente do Fed,
deixará o cargo
em maio deste ano

JONATHAN ERNST

Projeção de cenários para 2026

O preço do dólar ao final do ano vai depender da persistência do fluxo estrangeiro na B3, em renda fixa e os investimentos diretos, diante do nível de volatilidade global, afirma o professor da Fipecafi, Rogério Paulucci Mauad. Ele estruturou três cenários para a IstoÉ Dinheiro, considerando o segundo como o “provável” para o ano à frente.

No primeiro, o cenário A, que ele considera “benigno”, o fluxo estrangeiro continua entrando na B3 e/ou em renda fixa. Pode se configurar se houver um aumento de IPOs na B3, afirma. Se a volatilidade global estiver comportada, o dólar poderá ficar em patamar mais baixo do que em 2025, mas com prováveis repiques devido ao cenário eleitoral no Brasil. Já o cenário B, que é a “base provável”, tem bastante volatilidade: considera um fluxo estrangeiro oscilante, que ajuda em alguns meses, mas alterna com a realização de lucros (venda de ações).

Neste segundo cenário, eventos gerados pelos Estados Unidos (tarifas, ruídos geopolíticos e dados de inflação e atividade) geram ondas de risk-on (investidores assumem riscos impulsionados por dados econômicos positivos) e risk-off (busca por ativos seguros). Neste caso, o dólar poder ficar “lateralizando”, a R\$ 5,20 e R\$ 5,50, com volatilidade, alternando janelas de apreciação e períodos de estresse.

No cenário C, de risco global dominante, pode haver choque de tarifas e reprecificação de juros no mercado americano, puxando recursos dos emergentes. Há corrida para o dólar como um ativo seguro devido à percepção de risco global, o que pode pressionar a moeda americana para cima rapidamente, mesmo com um diferencial de juros altos no Brasil.



Felipe Sant'Anna, analista da Axia: movimento de juros no Japão também afeta o dólar neste mês

afirma Mauad. Isso depreciaria o real. Um cenário atípico como o atual dificulta ainda mais as projeções feitas por economistas para a cotação de moedas. Os olhos estão voltados para as ações do mercado americano, e uma importante é o que poderá ocorrer com a condução da política de juros no país com a troca do presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) no próximo mês de maio. Trump tem pressionado Jeremy Powell, atual dirigente da instituição, a baixar os juros. Há temor de que o Fed perca a independência. “Tudo isso faz com que o dólar fique sem qualquer suporte, e por enquanto sem nenhuma perspectiva de recuperação”, comenta o economista e sócio da Tendências Consultoria, Silvio Campos Neto. A consultoria, por ora, estima dólar a R\$ 5,50 ao final de 2026. “Mas é uma tendência bastante incerta. Especialmente em virtude da indefinição da questão político-eleitoral no Brasil”.

Embora o quadro doméstico por enquanto não esteja afetando significativamente as leituras que levam à decisão de investimento no Brasil, a corrida eleitoral é fator que vai balançar o mercado de câmbio em algum momento de 2026. Com o passar dos meses, o tema vai ganhar temperatura e entrar em cena à medida que as candidaturas se esboçam. “O retrato político-eleitoral é um elemento que tende a gerar mais

volatilidade, e até mesmo alguma pressão [ao real], tendo em vista que os investidores vão se lembrar que a situação fiscal aqui não está resolvida”, afirma Campos Neto.

A projeção da Tendências está em linha com a refletida pelos agentes econômicos no mercado brasileiro evidenciada pelo boletim Focus, publicado pelo Banco Central (BC) às segundas-feiras. Não se trata de uma estimativa do BC, mas da expectativa de agentes de mercado recolhida e publicada pela autoridade monetária. “A cotação do dólar é a variável macroeconômica mais difícil de ser prevista, pois depende de uma série de fatores e acontecimentos internos e externos”, reforça Mauad, da Fipecafi. Os economistas afirmam que, por ora, o dólar está muito mais sensível à política monetária americana e ao ruído fiscal e político nos Estados Unidos – antes que as turbinas se aqueçam no cenário eleitoral brasileiro.

Se o dólar continuar cedendo lá fora, os países emergentes tendem a manter algum suporte. Mas esse movimento continua, ao menos em curto prazo, dependente da mudança no Fed, em maio, e dos movimentos da Casa Branca americana. “Ou seja, dá para ter períodos de real mais forte, como agora, mas com volatilidade elevada e pouca margem para acomodação”, conclui Costa, da B&T XP. **D**



Silvio Campos Neto, da Tendências, diz que eleições no Brasil devem afetar o câmbio nos próximos meses

Para depois do carnaval

Ciclo de cortes da taxa de juros básica terá ponto de partida em março, sinalizou o Copom. Expectativa de agentes é de Selic entre 12% e 12,5% em dezembro

O ano começou com o horizonte esperado pela maior parte dos agentes econômicos para a taxa de juros brasileira. A primeira reunião do Conselho de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC), nesta semana, manteve a Selic em 15% ao ano, mas o comunicado sinalizou pela primeira vez quando deverá ter início o ciclo de cortes. “O Comitê antevê, em se con-

firmado o cenário esperado, iniciar a flexibilização da política monetária em sua próxima reunião, porém reforça que manterá a restrição adequada para assegurar a convergência da inflação à meta”. O próximo encontro está marcado para 17 e 18 de março.

Os diretores do BC também retiraram do texto um aviso que vinha sendo constante sobre a sinalização de uma

retomada do ciclo de alta caso o Copom julgasse apropriado, destacou o gestor de renda fixa da Inter Asset, Ian Lima, em nota. Parte significativa dos agentes que atuam no Brasil já esperavam a manutenção dos juros em janeiro por conta do desempenho do mercado de trabalho aquecido e dados de atividade que têm mostrado uma desaceleração dentro do esperado. As divergências, por ora, estão centralizadas a qual patamar poderá chegar a Selic ao final deste ano. As expectativas sinalizam nível de juros entre 12% e 12,5%.

A magnitude dos cortes também varia: alguns especialistas esperam que o



IMAGEM GERADA POR IA



Lima, da Inter Asset: Copom tirou aviso de retomar alta caso necessário

ciclo de cortes comece com 0,25 ponto percentual (p.p.) e outros acreditam em cinco cortes consecutivos de 0,50 p.p.. Álvaro Frasson, estrategista macro do BTG Pactual Portfolio Solutions, espera que em março o corte seja de 0,25 p.p.. É uma visão de 'corte com credibilidade', com um BC mais comedido ao iniciar a flexibilização da política monetária. O modus operandi permitirá à autoridade monetária ter mais tempo para analisar uma nova rodada de dados de mercado de trabalho e atividade, ajudando a embasar as decisões seguintes do Copom.

Sobre a inflação, Frasson comenta que, apesar de a inflação oficial do país medida pelo IPCA ter fechado 2025 abaixo do teto da meta, o núcleo ainda preocupa. O mais recente boletim Focus apontou inflação a 4% ao final de 2026 – era de 4,02% na semana imediatamente anterior. Para ele, mesmo que o câmbio ajude (o dólar em queda), a inflação de serviços precisa desacelerar. “Algumas aberturas vão continuar reagindo bem com o câmbio atual, mas o núcleo da inflação, que é serviços, inclusive piorou, na margem, do último Copom para cá”, disse.

Gustavo Sung, economista-chefe da Suno, projeta cinco cortes consecutivos na Selic após março. O cenário dele prevê uma pausa no ciclo de quedas da taxa de juros na reunião de setembro, fechando o ano com juros básicos a 12,5%. Para o ano subsequente, a projeção é de 10,75%. “Temos esse cenário desde meados do segundo semestre do ano passado”, comenta. O economista frisa que o

câmbio deve tirar a pressão da atividade e da inflação, que deve fechar o ano novamente dentro da banda da meta, ou seja, com teto de 4,5%. A projeção da Suno é de 4% para o IPCA. Sobre a questão fiscal, ele destaca que a trajetória da dívida ainda é um ponto de preocupação, apesar do horizonte de cumprimento da meta primária pelo governo federal.

“Estamos de olho, ainda, em quais as ferramentas que o governo deverá utilizar para aumentar sua popularidade em ano eleitoral, como programas de crédito, consignado privado, também tem a reforma do imposto de renda”, completa, citando medidas que devem impactar o fiscal por elevarem os gastos do governo.

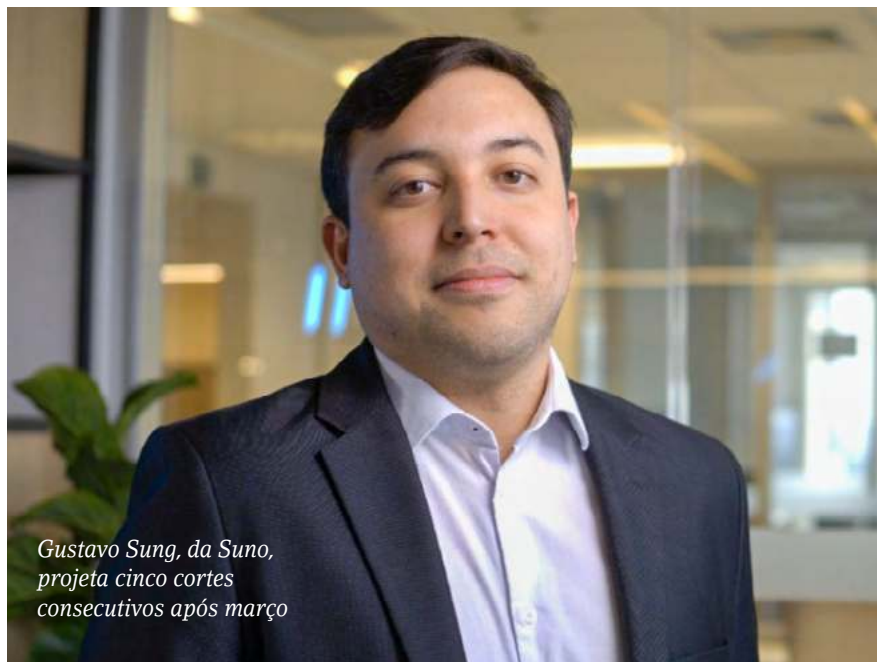
Acima da inflação

Em um relatório macroeconômico recente, a XP apontou um cenário de curto prazo mais favorável para a economia brasileira em 2026, mas com desafios relevantes no horizonte de 2027, especialmente no campo fiscal. Em relação à inflação, a casa aponta fundamentos mais favoráveis para bens industrializados neste ano, mas alerta que a inflação de serviços deve permanecer elevada, pressionada por um mercado de trabalho apertado e por um cenário fiscal expansionista.

Apesar da melhora recente dos índices, uma parcela relevante de itens que ajudam a formar o IPCA segue acima do limite superior da meta, e as expectativas inflacionárias continuam fora da meta. “Apesar do alívio recente, cerca de 40% dos subitens do IPCA estão acima do limite superior da meta”, diz o documento elaborado pela equipe de macroeconomia da XP liderado pelo economista Caio Megale. O economista declarou em entrevista recente à IstoÉ Dinheiro que uma taxa básica de juros na casa de 9% é possível para 2027 em um cenário de governo reformista e comprometido com o fiscal.

“O Banco Central tem espaço para retirar o “extra aperto” que foi necessário anteriormente. Vemos uma possibilidade de corte total na ordem de 2,5 a 3 pontos percentuais ao longo do ano. O juro de 12,5% ao ano ainda é alto para uma inflação que corre perto de 4,5%”, disse Megale. Para ele, se o governo sinalizar reformas profundas no segundo semestre, como a administrativa e a desvinculação do orçamento, existe espaço para a Selic cair até 11% ou 9,5% no próximo ano. Caso contrário, se o cenário for de “ajustes insuficientes”, o BC deve ser mais cauteloso e estacionar nos 12,5%. **D**

Com reportagem de Eduardo Vargas



Gustavo Sung, da Suno, projeta cinco cortes consecutivos após março

FOTOS REPRODUÇÃO/LINKEDIN

Queda de braço europeia

Em meio à fricção provocada pela contestação judicial do acordo com o Mercosul, líderes como o chanceler alemão Friedrich Merz e a italiana Giorgia Meloni defendem o tratado de olho no momento do mundo

Desde que parlamentares da União Europeia votaram a favor de contestar o acordo de livre comércio com o Mercosul no tribunal superior do bloco, líderes de alguns países vem deixando clara a insatisfação com o movimento. Mais: se movem numa tentativa de costura política na tentativa de reunir pares para encontrar soluções e apaziguar a fúria dos produtores do agro da França – que têm feito barulho contra a formação da maior área de livre comércio do mundo. Um deles, o primeiro a se

manifestar de forma contundente, foi o chanceler alemão Friedrich Merz.

Logo após o movimento de contestação, em 21 de janeiro, Merz disse que o acordo precisava “entrar em vigor provisoriamente” e que “levá-lo ao tribunal superior” do bloco europeu “desconsidera as realidades geopolíticas”. Em meio à postura truculenta e errática do presidente norte-americano Donald Trump para alcançar seus objetivos, os europeus não querem ficar à mercê dos Estados Unidos ou da China – é, portan-

to, o momento de redesenhar parcerias estratégicas comerciais. Em seguida a Merz, foi a vez da presidente do conselho de ministros da Itália, Giorgia Meloni, fazer declaração pública em uma coletiva de imprensa em 23 de janeiro, em Roma, com a presença de Merz, favorável ao acordo.

Até dezembro de 2025, Giorgia Meloni descrevia a assinatura como prematura, argumentando que o texto não protegia suficientemente os agricultores europeus. A Itália, vale lembrar, foi o fiel da balança nessa reta final para a assinatura do acordo, visto que, junto com a França, quase travou o evento – a qual chegou a atrasar de dezembro do ano passado, quando seria assinado, para janeiro de 2026 justamente por conta dos franceses e italianos. Mas ela veio a público dizer que “soluções importan-

Pedido de parlamentares do bloco ao Tribunal de Justiça europeu pode atrasar a implementação do acordo em dois anos





PASCAL BASTIEN/AP

Pedido de um grupo de 144 parlamentares europeus criou obstáculo severo ao tratado

tes” foram alcançadas para defender o setor agrícola da União Europeia e declarou explicitamente que, para a Itália, o acordo está equilibrado e por essa razão o país deu o sinal verde.

Os líderes europeus favoráveis à criação de uma nova geografia comercial têm pressa, e a medida do parlamento de contestar o acordo junto a um tribunal do bloco poderá atrasar o pacto em até dois anos – além de potencialmente inviabilizá-lo. Os produtores franceses estão preocupados com o impacto, à competitividade, das importações de diversos produtos alimentícios. O tratado é histórico, e cria a maior zona comercial do mundo com a união de 27 países da União Europeia e o Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai).

Os opositores, liderados pela França – maior produtor agrícola do bloco europeu – afirmam que o acordo aumentará drasticamente as importações de carne bovina, açúcar e aves baratos, prejudicando os produtores nacionais, que vêm

realizando repetidos protestos. Por conta dessa leitura, e lobby favorável, mesmo depois da assinatura, um grupo de 144 parlamentares apresentou uma moção para solicitar ao Tribunal de Justiça europeu que decida se o acordo pode ser aplicado antes da ratificação completa por todos os países-membros, e se suas disposições restringem a capacidade europeia de definir políticas ambientais e de saúde do consumidor. Normalmente, o tribunal leva cerca de dois anos para emitir tais pareceres.

O parlamento europeu apoiou a moção com 334 votos a favor, 324 contra e 11 abstenções. Se encaminhada ao tribunal, a União Europeia ainda poderá aplicar o pacto provisoriamente enquanto aguarda a decisão e a aprovação parlamentar. Mas isso pode ser politicamente difícil.

Além de Alemanha e Itália, outros apoiadores, o que inclui a Espanha por exemplo, reforçam o cenário de distúrbios ao comércio global provocados por

Trump. Eles argumentam que o acordo é essencial para compensar os negócios perdidos com as tarifas impostas pelos Estados Unidos e para reduzir a dependência da China, garantindo acesso a minerais essenciais (como as terras raras usadas em indústrias de tecnologia, automotiva e bélica, por exemplo). Eles também alertam que os governos do Mercosul estão perdendo a paciência com o bloco depois de 26 anos de negociações.

Longa trajetória

Vale lembrar a longa estrada para a aprovação do tratado. Vinte e seis anos separaram o começo das negociações para a assinatura do acordo entre Mercosul e União Europeia, um dos mais esperados da política externa global. Apesar das resistências os grupos de países viraram uma importante página recheada de conflitos, e deram o passo inicial para criar a maior área de livre comércio do mundo no último dia 17 de

janeiro ao assinar o tratado. Para que fosse consolidado, um longo caminho foi percorrido por equipes distintas de especialistas em diplomacia desde 1999, quando as negociações ocorreram durante o mandato de Fernando Henrique Cardoso como presidente do Brasil.

As tratativas chegaram a travar em diferentes momentos ao longo dessas duas décadas e meia. E mesmo depois da assinatura, antes da contestação no tribunal europeu, que gera um novo imbróglio, já havia uma segunda etapa em que os Congressos Nacionais de cada país, de ambos os blocos, aprovassem o documento. Paralisado ao final na década passada, o acordo voltou à pauta dos governos envolvidos em 2023 – e ganhou status de prioridade a partir de 2024. A atuação brasileira em anos recentes foi fundamental para que o acordo, enfim, saísse na prática. Desde que assumiu o terceiro mandato, em 2023, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tomou dianteira ao pressionar o parlamento europeu para efetivar o tratado. **D**

Assinatura do acordo entre Mercosul e UE, inicialmente marcada para dezembro, ocorreu em 17 de janeiro



O maior tratado do mundo

O acordo econômico assinado entre o Mercosul e os europeus redesenha as fronteiras competitivas de um mercado que engloba 700 milhões de consumidores e um Produto Interno Bruto (PIB) combinado de aproximadamente US\$ 22 trilhões. A economia da maior área de livre comércio do mundo só perde para a norte-americana, com um PIB próximo a US\$ 29 trilhões, e supera a da China – de US\$ 19 trilhões. Os números entregam a dimensão estratégica.

Com o sinal verde para o tratado, os setores beneficiados no Brasil, liderados pelo agronegócio exportador e por indústrias de nicho como calçados e minerais, terão acesso a um dos mercados mais sofisticados do globo. Por outro lado, setores sensíveis da indústria e da agropecuária subsidiada sofrerão uma pressão competitiva sem

precedentes. Foi desenhado um movimento gradual de redução tarifária, dependendo do segmento, em até quinze anos.

Mas o resultado final para a economia brasileira dependerá menos do texto do acordo e mais da capacidade do país em utilizar o período de transição tarifária para implementar reformas estruturais, reduzir o custo de produção e garantir que a sustentabilidade seja tratada como um diferencial competitivo e não apenas como um ônus regulatório. A área de livre comércio que o Brasil ajuda a formar junto com os outros países do Mercosul (Argentina, Uruguai, Paraguai, fundadores do bloco) e os 27 países que integram a União Europeia é uma espécie de mapa para o crescimento, mas o sucesso disso exigirá a modernização produtiva que o país adiou por décadas.

O tratado não se limita a uma mera redução de barreiras alfandegárias. Ele impõe uma

transformação na forma como o Brasil se insere nas cadeias globais de valor, exigindo uma análise técnica sobre a dicotomia entre o ganho de escala e os riscos de desindustrialização para os setores menos competitivos. Um acordo com essa envergadura vai muito além de meras questões comerciais, já que estreita laços políticos. Pedro de Camargo Neto, ex-secretário de produção e comercialização do Ministério da Agricultura, que liderou as primeiras disputas comerciais do Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC), avaliou recentemente à IstoÉ Dinheiro que essa negociação reforça vínculos empresariais entre os dois blocos em um momento crucial do cenário global, marcado por tensões protecionistas e reconfigurações geopolíticas. O momento geopolítico levou a União Europeia a se aproximar. A Europa, que sempre teve os Estados Unidos como grande parceiro, não quer ficar isolada.

Dinheiro no mundo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional

México

Mesmo com tarifas, exportações crescem

Apesar das tensões comerciais com os Estados Unidos, seu principal parceiro comercial, o México elevou as exportações de mercadorias em quase 8% no ano passado. O país vendeu o equivalente a US\$ 6,6 bilhões, informou o governo mexicano nesta semana. Mais de 80% deste total corresponde às exportações para o mercado americano. A maior parte dos embarques é de produtos manufaturados, ou 92% do total.

Panamá

Autoridade encarcerada

O ex-vice-presidente do Panamá, José Gabriel Carrizo, foi detido por suspeita de enriquecimento ilícito um dia depois de o Ministério Público do país emitir uma ordem de prisão contra ele. Carrizo, vice-presidente durante o mandato de Laurentino Cortizo (2019 a 2024), foi detido no aeroporto internacional de Tocumen ao voltar da Guatemala, onde esteve para tomar posse no Parlamento Centro-americano (Parlacen).

China

Interesse pela Puma

A maior marca de roupas esportivas da China, a Anta Sports Products, quer comprar uma participação de 29% na Puma da família Pinault por 1,5 bilhão de euros (US\$ 1,8 bilhão), tornando-se a maior acionista da fabricante alemã de roupas esportivas. A companhia chinesa informou que vai usar sua experiência para ajudar a Puma, que vem enfrentando dificuldades, a aumentar suas vendas no lucrativo mercado chinês. O acordo também ajuda a Anta, proprietária dos direitos da marca Fila (apenas em alguns mercados asiáticos), em sua busca por se tornar uma empresa mais global.

Índia

Caçada por parceiros comerciais

Mais um acordo envolvendo União Europeia (UE) ganhou sinal verde, desta vez com a Índia. As esferas governamentais do bloco europeu e do país asiático formalizaram na última terça-feira, 27, um tratado comercial que, após duas décadas de negociações, criará uma zona de livre comércio de dois bilhões de pessoas. Se não enfrentar resistência de esferas europeias, como o que envolveu o Mercosul, o acordo visa proteger os envolvidos da concorrência chinesa e dos efeitos da guerra tarifária iniciada pelos Estados Unidos.

Números da semana

US\$ 68,7 bi

é o **déficit em conta corrente** do Brasil no ano passado. Ou seja, o país teve saldo negativo em transações com o exterior, em **balança comercial, de serviços e remessas de lucros** e dividendos. O volume registrado equivale a 3,02% do Produto Interno Bruto (PIB) de 2025 e supera o déficit de 2024, quando o país registrou valor negativo de US\$ 66,168 bilhões.



FABIO RODRIGUES-POZZEBONI/AGÊNCIA BRASIL

950 mil

famílias foram **incluídas** na segunda fase do programa **Gás do Povo** a partir desta segunda-feira, 26, quando todas as capitais brasileiras passaram então a integrar a política pública do governo federal. Famílias de baixa renda vão poder recarregar o botijão de gás de cozinha 13Kg GLP gratuitamente em mais de dez mil revendas credenciadas.

5,2%

é quanto a **Petrobras** reduziu o preço da **gasolina** para as distribuidoras, uma redução de R\$ 0,14 por litro. A mudança passou a valer na terça-feira, 27.



ANDRÉ MOTA DE SOUZA

R\$ 54

é o **teto** de quanto pode **custar** deixar o **ar condicionado ligado** por **dez horas** em casa num mesmo dia. A estimativa é de Romenig Magalhães, supervisor de P&D da Gree, para a IstoÉ Dinheiro. Ele também calculou os custos estimados em duas, cinco e oito horas por dia. Nem sempre o ar condicionado é o vilão da conta de luz. O problema pode estar em equipamentos antigos, diz. Confira o site da Dinheiro.

US\$18 bi

é quanto as empresas que operam no Brasil enviaram em **remessas de lucros ao exterior** em **dezembro** passado. Trata-se do **volume mensal mais alto** já registrado na série histórica iniciada pelo Banco Central, em 1995. O movimento aconteceu às vésperas da entrada em vigor de nova taxa sobre essas operações. A partir de janeiro passou a valer a retenção de 10% de Imposto de Renda na fonte sobre essas remessas.



Bolsa peruana lidera ranking de valorização em janeiro, calcula a consultoria Elos Ayta

DIEGO DELSO

Ao Sul do mapa

Bolsas da América Latina ganham terreno em ranking global devido ao ganho de valor das moedas locais

Bolsas de valores da América Latina apresentam os melhores desempenhos de 2026 em um ranking que compara 21 índices do mercado financeiro. O levantamento foi elaborado pela consultoria Elos Ayta, e mostra o Ibovespa, o principal índice da bolsa brasileira B3 em destaque na quarta posição, com uma valorização de 12,89% em dólares e 8,98% em reais até 22 de janeiro.

O mercado peruano lidera o ranking global com o bom desempenho do índice S&P/BVL General, que já acumula alta de 20,06% em moeda dos Estados Uni-

dos. Logo atrás dele estão o MSCI Colcap, da Colômbia, e o IPSA, do Chile, que garantem o pódio com valorizações, nessa ordem, de 18,90% e 13,91%. O grupo das cinco melhores performances do período é encerrado pelo IPyC mexicano, com um avanço de 9,43% em dólares.

Ao observar tanto a valorização em moeda local como em dólar, é possível ter uma ideia do olhar do investidor internacional. Como evidenciam os números, o crescimento de vários indicadores de bolsas de valores na América Latina é ainda maior ao se observar o

câmbio, resultado de uma desvalorização do dólar em comparação às moedas locais no período.

No caso do Brasil, o dólar encerrou o ano passado a R\$ 5,48 para a venda. Já nesta quinta-feira, 22, foi negociado a R\$ 5,28. A consultoria Elos Ayta indica que o retrato reforça o forte movimento de “reprecificação dos ativos brasileiros” neste início de 2026, em um contexto de maior apetite ao risco por parte de investidores internacionais.

A valorização destaque, no entanto, não abrange toda a América Latina: a

Colômbia, Chile e Brasil estão entre os melhores desempenhos em janeiro deste ano



REPRODUÇÃO/FACEBOOK

Argentina aparece apenas na 12ª posição, atrás de outros indicadores europeus e asiáticos. Enquanto a América Latina brilha, as bolsas dos Estados Unidos – embora as maiores do mundo – seguem na parte de baixo da tabela. O índice Dow Jones, um dos mais tradicionais

dos Estados Unidos, aparece apenas no 13º posto, acumulando 2,75% de alta, superando os tímidos avanços de S&P 500 (0,99%) e Nasdaq (0,83%), que ocupam a 18ª e 19ª posições, e também espelham listas das companhias mais negociadas no mercado norte-americano.

Já no cenário europeu, o otimismo é contido, com índices orbitando a marca dos 5% ou menos. Já o S&P Merval, da Argentina, sustenta um ganho de 2,77% em moeda americana neste início de ano, indica o levantamento feito pela consultoria Elos Aytá. **D**

O maior ganho anual desde 1979

Um investimento de renda variável (como são as bolsas de valores), porém considerado porto seguro em tempos de incertezas econômicas, o ouro alcançou um novo patamar histórico ao romper a barreira dos US\$ 5,1 por onça (medida de negociação equivalente a 31,1 gramas) no início desta semana. O movimento reflete a corrida de investidores por ativos de refúgio diante de uma escalada de incertezas geopolíticas globais. O ouro à vista superou alta de 2% e a mesma tendência foi observada nos contratos futuros que são negociados nos Estados Unidos para entrega em fevereiro, à vista e futuros negociados em patamar já citado.

Este desempenho sucede um ano de 2025 extraordinário, no qual o metal disparou 64% — o maior ganho anual desde 1979. A valorização foi sustentada por uma combinação de fatores, incluindo

a demanda por segurança, a flexibilização da política monetária americana e compras robustas por bancos centrais. A China, por exemplo, completou em dezembro o décimo quarto mês consecutivo de aquisições de ouro, somando-se a fluxos recordes de entrada em fundos negociados em bolsa (os ETFs). Somente nestas primeiras semanas de 2026, os preços já acumulam uma alta superior a 18%, batendo recordes sucessivos desde a semana passada.

O gatilho mais recente para a disparada é uma crise de confiança na administração e nos ativos dos Estados Unidos. Kyle Rodda, analista sênior de mercado da Capital.com, aponta que as decisões erráticas do governo de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, na última semana desencadearam esse pessimismo. Na semana passada, Trump recuou

abruptamente das ameaças de impor tarifas a aliados europeus como forma de pressão para a aquisição da Groenlândia, gerando instabilidade nas relações diplomáticas.

No último fim de semana, a tensão aumentou com a declaração de Trump de que imporia uma tarifa de 100% sobre o Canadá caso o país avance em um acordo comercial com a China. Além disso, o presidente americano ameaçou aplicar tarifas de 200% sobre vinhos e champanhes franceses para pressionar o presidente da França, Emmanuel Macron, a aderir ao seu recém-proposto Conselho da Paz. O mercado teme que tal conselho possa esvaziar o papel das Nações Unidas, a ONU, na resolução de conflitos globais, apesar de o presidente americano afirmar que pretende trabalhar em conjunto com a organização internacional.

Reestruturação da subsidiária dos Estados Unidos resulta de nova lei



MARIO TAMAYO/AFP

TikTok americano

Nova estrutura criada para atuar nos Estados Unidos tira do comando a chinesa ByteDance e inclui aliados de Trump, como a Oracle, capitaneada por Larry Ellison

O TikTok anunciou oficialmente a criação de uma empresa conjunta majoritariamente americana para operar sua plataforma nos Estados Unidos, um movimento estratégico que permite à companhia evitar o banimento definitivo no país por pertencer à chinesa ByteDance. Batizada de TikTok USDS Joint Venture LLC, a nova estrutura atenderá a um universo de

aproximados 200 milhões de usuários e 7,5 milhões de empresas. Os próximos passos serão implementar protocolos rígidos de proteção de dados, segurança algorítmica e moderação de conteúdos, conforme detalhado pela companhia em um comunicado oficial.

A reestruturação responde à lei aprovada durante o governo de Joe Biden, que exigia que a ByteDance ven-

desse as operações americanas ou enfrentasse o bloqueio no mercado mais importante da plataforma. Sob o novo acordo, a ByteDance preserva uma participação de 19,9% na joint venture, mantendo-se estrategicamente abaixo do limite de 20% estipulado pela lei federal. O restante da propriedade é dividido entre fundos e empresas do setor financeiro e tecnológico, como Silver Lake, Oracle e o fundo de investimento em inteligência artificial MGX, sediado em Abu Dhabi. As empresas detêm 15% de participação cada. A lista tem outros investidores, como a Dell Family Office, afiliadas da Susquehanna International

Group e a General Atlantic. A nova empresa conjunta terá autoridade total sobre as políticas de confiança, segurança e moderação de conteúdo para o público americano. Enquanto isso, as outras estruturas globais do TikTok continuarão responsáveis pela integração internacional do produto e pelas atividades comerciais, incluindo publicidade e e-commerce. Como parte das garantias de segurança exigidas por Washington, os dados dos usuários dos Estados Unidos serão armazenados exclusivamente na nuvem da Oracle, com auditorias de cibersegurança realizadas por especialistas externos para assegurar o cumprimento das normas federais.

A governança da TikTok USDS será exercida por um conselho de sete membros, de maioria americana, incluindo o diretor-executivo global do TikTok, Shou Chew, e executivos de destaque das firmas de investimento parceiras. A diretoria executiva da nova entidade será liderada por Adam Presser, e ele contará com Will Farrell no cargo de diretor de segurança. O desfecho ocorre após anos de tensão legislativa, iniciada com alertas sobre a possibilidade de a China extrair dados de cidadãos americanos ou exercer influência política via algoritmos. **D**

FLORENCE LOIREUTERS



Chinesa ByteDance, dona do TikTok, terá 19,9% da empresa nos EUA

O papel de Trump

Os movimentos recentes do presidente americano Donald Trump foram decisivos para o formato final do negócio. Embora tenha feito alertas severos contra a plataforma em seu primeiro mandato, o republicano mudou de postura ao reconhecer a popularidade do aplicativo entre os eleitores jovens. Trump assinou uma ordem executiva em 25 de setembro do ano passado, na qual transferia as operações americanas do aplicativo para investidores “muito sofisticados”, mas ainda permitia que a chinesa ByteDance, controladora da rede social, mantivesse uma participação minoritária próxima a 20%, conforme o modelo agora concretizado.

Essa abordagem contrariou a postura inicial do republicano. Os Estados Unidos chegaram a suspender as operações do TikTok no país no início de 2025. Mas Trump, decidiu adiar o movimento e as negociações correram ao longo do ano passado. Após assinar, em setembro, a ordem executiva de manutenção — na qual o governo americano encontrou uma espécie de meio termo para agradar interesses econômicos e políticos —, Trump chegou a mencionar ter um “grande respeito pelo presidente Xi Jinping” ao agradecer a aprovação de um acordo. Contudo, o discreto governo chinês, por meio da Pasta de Relações Exteriores, manifestou apenas à época a esperança de

existir “um ambiente comercial aberto, justo e não discriminatório” para as empresas chinesas que investem nos Estados Unidos.

Trump adiou a entrada em vigor da lei por meio de sucessivos decretos, estendendo o prazo final para 22 de janeiro deste ano. O presidente mencionou especificamente o nome de Larry Ellison, presidente-executivo da Oracle e seu aliado de longa data, como peça-chave no acordo. Ellison, que tem se destacado por mediar parcerias de inteligência artificial (IA) com a OpenAI e financiar grandes aquisições no setor de entretenimento, consolida-se agora como o guardião tecnológico dos dados do TikTok nos Estados Unidos.

O horizonte da Gol

Constantino Jr., fundador da Gol, trabalhou para ampliar o acesso ao transporte aéreo



HELVO ROMERO/ESTADÃO CONTEÚDO

Recém-saída da recuperação judicial, a aérea sofre mais um baque ao perder Constantino Júnior. O comando passa para o economista e ex-ministro Antonio Kandir

Em meio às mudanças na Gol Linhas Aéreas – que anunciou a intenção de abrir capital nos Estados Unidos nos últimos meses de 2025, depois de encerrada a recuperação judicial –, a companhia aérea vive mais uma turbulência. Desde o último domingo, 25, o economista e ex-ministro, Antonio Kandir, que ocupava a vice-presidência do conselho de administração da companhia, assumiu a presidência do colegiado temporariamente. Isso ocorreu após o falecimento, um dia antes, do fundador e então presidente do conselho, Constantino de Oliveira Júnior, aos 57 anos. O empresário lutava há anos contra um câncer.

Em comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a companhia buscou tranquilizar investidores ao assegurar que as operações, a estratégia e os compromissos permanecem inalterados. “Não há interrupção nas

atividades diárias”, informou a empresa, ao destacar que Kandir já integrava diversos órgãos da administração da Gol ao longo dos últimos anos – e possui profundo conhecimento da estrutura da aérea. A gestão executiva continua sob o comando de seus diretores e demais membros do conselho, mantendo o curso estabelecido pela família Constantino, que deu início à trajetória da empresa há 25 anos.

Kandir, conhecido pela lei que leva o seu sobrenome e isentou exportadores de pagar ICMS na década de 1990, já ocupou diversos cargos públicos. O ex-ministro do Planejamento no governo de Fernando Henrique Cardoso – ao substituir José Serra entre 1996 e 1998 – teve outros cargos públicos, como o de deputado federal (1995) e, antes disso, integrou a equipe econômica da então ministra Zélia Cardoso de Mello, no governo de Fernando Collor de Mello,

interrompido por um impeachment em 1992. O economista integrou o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e foi presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Trajetória

Antes de fundar a Gol, Constantino Júnior consolidou sua experiência no transporte terrestre. Entre 1994 e 2000 foi diretor da Comporte Participações, grupo controlado por sua família. Em 2001, ele assumiu como CEO da Gol, introduzindo o modelo de negócios de baixo custo que redefiniu o setor aéreo e permitiu que milhões de brasileiros voassem pela primeira vez. Ao longo de sua trajetória, Constantino Júnior acumulou reconhecimentos como o título de “Executivo Ilustre” pela IATA, uma organização internacional que reúne as empresas aéreas, em 2008.

Ele permaneceu na presidência executiva da Gol até 2012, quando migrou para o conselho de administração. Além de sua atuação na empresa, era um dos fundadores e presidente do conselho do grupo Abra – holding que controla a Gol e a Avianca –, posição onde trabalhava para expandir o acesso ao transporte aéreo por toda a América Latina.

A morte do empresário gerou uma onda de pesar entre as principais entidades e concorrentes do setor aéreo. A Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear), o grupo Abra e a Azul Linhas Aéreas destacaram o papel dele no setor. Visto como o “grande responsável” por redefinir o transporte aéreo no país ao trabalhar pela acessibilidade dos voos, deixou “contribuição inestimável” para a modernização do mercado. Ele deixa como legado, ademais, o fortalecimento da conectividade regional, destacou o Abra.

Em comunicado, a Latam Airlines referiu-se ao empresário como um líder que teve a “coragem de desafiar paradigmas estabelecidos”, estimulando a concorrência e o crescimento da indústria, e a Azul Linhas Aéreas afirmou que a aviação perdeu uma de suas figuras mais relevantes. **D**



Rochael e Freire: disputa no universo de bebidas alcóolicas aromatizadas

DIVULGAÇÃO

Depois de um Xequê Mate

Marca de bebida que mescla mate, guaraná, limão e rum ganhou impulso durante o carnaval e o negócio cresceu em uma década. A próxima aposta é a Mascate – mais uma alternativa que pode roubar clientes das cervejas

Matheus Almeida

Com cerca de 40% das vendas concentradas no primeiro trimestre do ano, os empresários que lançaram uma mistura de mate, guaraná, limão e rum – a Xequê Mate – abraçaram de vez os carnavais como um motor de crescimento. Diferentemente do que se possa pensar, a sazonalidade não os assusta. “A disseminação da marca no carnaval mantém uma relação direta com o ritmo que a gente consegue [emplacar] nos outros meses”, disse o CEO e cofundador da empresa, Alex Freire, à IstoÉ Dinheiro. “Toda a indústria de

bebida cai geralmente uns 30% ou 40% quando o calor vai embora”. Em 2025, a companhia que aposta na sazonalidade para conquistar paladares e se consolidar bateu seu recorde de vendas, com cerca de nove milhões de litros comercializados – um crescimento de 26% em relação ao ano anterior. A Xequê Mate não informa o faturamento.

A força da bebida no Carnaval é tamanha, que contratos de exclusividade fechados por prefeituras, como as de São Paulo e Rio de Janeiro, com grandes fabricantes, a exemplo da Ambev, não

impediram a penetração do Xequê Mate. Em carnavais passados, ambulantes chegaram a vender o drink enlatado mineiro escondido. “O carnaval é uma manifestação popular. A galera na rua consome o que está a fim de consumir – e os ambulantes sabem o que o público quer”, afirma Freire.

O modelo de conquistar paladares no carnaval, que nasceu “quase sem querer” e fez sucesso, contribuiu para que a companhia dê um novo passo a partir de 2026. A empresa aposta agora em uma nova marca de bebidas, a Mas-



Empresários testaram a receptividade da Mascate na rede de bares que leva o mesmo nome

O Nordeste e outros negócios

Quando os sócios da Xequê Mate deram início ao negócio, há dez anos, o carnaval ajudou a conquistar clientes e a impulsionar as vendas. E, paralelamente, a festa em Belo Horizonte começou a crescer muito, recorda o CEO e cofundador da empresa, Alex Freire. Em pouco mais de uma década o carnaval de rua em Belo Horizonte avançou de 500 mil foliões em 2013 para mais de seis milhões no ano passado. Os dados são da prefeitura da capital mineira. Caíndo no gosto não só de moradores mas principalmente dos turistas, o nome da bebida espalhou-se. Hoje, a empresa tem distribuição em Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo — seu principal mercado atualmente. A empresa está ampliando as vendas Pernambuco e Bahia, e alcança todo o país através de plataformas digitais como Amazon e Mercado Livre.

Para trabalhar a marca, a companhia não conta com agências de marketing e publicidade. Coordena sua estratégia internamente, e aposta sobretudo em duas iniciativas culturais lançadas no ano passado: o Xequê Mate Estúdios, de produção musical e videoclipes, e a marca de roupas Xequê Mate Lab. “Só o produto, ficar só postando foto da lata, é muito chato, né? Então a gente prefere postar sobre cultura, prefere falar de moda, prefere falar de arte e inserir o nosso produto no meio desse cenário todo”, diz Freire.

cate. É um outro drinque pronto enlatado de rum, mas com os sabores melancia com framboesa, hibisco e limão siciliano; e maracujá com caju e água de coco. O nome é inspirado na rede de bares da própria companhia, com três unidades em Belo Horizonte e uma em Caraiá, na Bahia.

A rede de bares, aliás, é uma peça importante para a estratégia de negócios. A fórmula da Xequê Mate surgiu e foi testada diretamente com consumidores, quando Alex Freire e o outro cofundador, e atual diretor da fábrica, Gabriel Rochaël, atuavam com serviços de bares para eventos. A Mascate foi testada diretamente nos bares homônimos.

Mas por que outra bebida? A decisão de lançar uma marca nova em vez de sabores de Xequê Mate surgiu a partir de avaliação da equipe de marketing da empresa. “Quisemos preservar o Xequê Mate”, conta Freire. “O sabor é completamente diferente”, segue. Outra análise feita no bar Mascate foi de que a bebida não canibalizava consumidores do Xequê Mate. Ao invés disso, tirava público da cerveja. A expectativa da empresa é que o mesmo ocorra em outros pontos de venda.

A fabricação da fórmula concentra-se do Xequê Mate é feita em Belo Horizonte, e dois parceiros no interior de

Minas e de São Paulo adicionam água, fazem a carbonatação e o envasamento. Já para a Mascate, a empresa preferiu manter por ora a produção totalmente internalizada. A nova bebida chega ao Carnaval num momento de profusão de lançamentos de drinques prontos. O segmento batizado ready to drink nesse universo também abrange bebidas de grandes fabricantes como as já também famosas Skol Beats, da Ambev, e a Amstel Vibes, da Heineken.

Entre novembro de 2025 até o próximo carnaval, em fevereiro deste ano, a produção da linha Mascate Drinks totalizará 1,04 milhão de litros, o que representa uma média mensal de 347 mil litros. Já a produção de Xequê Mate deve totalizar aproximados 6,4 milhões de litros, uma média de 2,13 milhões de litros por mês.

Nos últimos anos, surgiram bebidas semelhantes ao Xequê Mate, como o mineiro Matchê (também de mate, guaraná, rum e limão) e o carioca Mate Shine (feito apenas com rum, mate e limão). Firms sobre o rumo do negócio, Freire e Rochaël seguem donos de 100% do capital da empresa — e não quiseram aprofundar conversas para vendê-la. Nunca foi o objetivo: o foco é a independência. A empresa já consegue financiar o próprio crescimento. **D**



*JBS investe US\$ 85 milhões
e reforça estratégia local
em processados*

Queda de braço na Arábia

JBS abre as portas da segunda fábrica na Arábia Saudita, mercado que se torna palco de disputa acirrada entre duas gigantes brasileiras
— MBRF acaba de formar uma joint venture local

O mercado da Arábia Saudita ganha importância nos balanços de duas gigantes brasileiras: JBS e MBRF. A companhia controlada por Joesley e Wesley Batista, a JBS, acaba de mover mais uma peça no tabuleiro dos negócios em sua estratégia de globalização ao inaugurar uma fábrica de alimentos processados em Jeddah, na Arábia Saudita. Mais do que o início das operações, a companhia já projeta o próximo passo, com o anúncio de uma expansão que deve dobrar a capacidade da unidade até o final de 2026. O movimento reforça a es-

tratégia local em um mercado que, embora historicamente tenha figurado como um dos principais destinos do frango brasileiro, avança de forma consistente em políticas de autossuficiência.

O investimento total da JBS no país alcança US\$ 85 milhões, valor que engloba a planta de Jeddah, uma unidade em Dammam e uma robusta infraestrutura de distribuição. Com a nova operação, a companhia estrutura um ecossistema produtivo sob a marca Seara, focando tanto no abastecimento do mercado saudita quanto na exportação re-

gional de produtos com certificação halal – um sistema de produção que segue rigorosamente as leis do islã para comercializar nos mercados muçulmanos. O Brasil tornou-se o maior exportador de proteína halal, já que as indústrias se adaptaram bem a essas exigências. Por isso, grande parte do frango consumido no Oriente Médio vem do país.

A decisão de ampliar a fábrica decorreu da rápida absorção. A nova unidade, que operava em fase de testes desde o ano passado, já quadruplicou o volume da empresa na Arábia Saudita (ou seja,

Uma disputa nas arábias

O cenário competitivo na região ganha contornos acirrados. Em outubro passado, a MBRF (junção de Marfrig e BRF), principal rival da JBS, assinou um acordo com a saudita Halal Products Development Company para impulsionar sua joint venture local, com planos de listagem na bolsa de Riad até 2027. A BRF também avança na construção de sua própria fábrica em Jeddah, com capacidade prevista para processar 40 mil toneladas de produtos de carne por ano a partir de meados de 2026. O controlador da MBRF, Marcos Molina, disse há alguns meses que o custo de capital é a metade do Brasil, e a bolsa local “é pujante”.

A abertura de capital da joint venture na Arábia Saudita não inviabiliza o plano de abertura de capital da MBRF nos Estados Unidos, um outro interesse da gigante, mas complementa a estratégia de valorização global da companhia. A meta é aumentar o valor para a empresa diante dos investidores com potencial no globo. Vale, nesse contexto, rememorar o movimento recente que gerou a MBRF. A fusão entre Marfrig e BRF criou uma empresa com um portfólio mais amplo e capaz de competir com a JBS (que além da Seara, detém as marcas Friboi e Swift). No mercado global há outros concorrentes, como a Smithfield (da chinesa WH Group) e a norte-americana Tyson Foods. A criação da MBRF, autorizada no ano passado pelo regulador brasileiro, criou uma companhia com receita de R\$152 bilhões por ano e presença em 117 países com as marcas Sadia, Perdigão e Bassi, entre outras, e tem produção estimada em 8 milhões de toneladas de produtos por ano.



Gilberto Tomazoni, CEO global da JBS: expansão estratégica da Seara

se comparado o volume de produção da nova planta à soma do que era importado do Brasil e o que entregava Dammam). Agora, a companhia caminha para nova duplicação devido à aceitação da marca, disse o CEO da Seara, João Campos. Antes da entrada em operação da unidade de Jeddah, a JBS mantinha sua presença em Dammam com uma planta de processamento para 10 mil toneladas anuais e 250 funcionários.

A nova fábrica, portanto, elevou a escala local e gera 500 empregos diretos, levando o quadro total da companhia no país para cerca de 950 colaboradores. Embora os números de expansão sejam ambiciosos, o executivo ponderou que a JBS não divulga dados específicos sobre a capacidade atual e os volumes previstos após o novo ciclo de obras. A atual fase representa uma inflexão estratégica para o Oriente Médio. Se por três dé-

cadas a JBS focou na exportação de aves a partir do Brasil, nos últimos quatro anos a empresa investiu na construção da marca Seara em solo saudita, utilizando produtos processados, distribuição própria e forte comunicação. João Campos define a estratégia como uma réplica da fórmula vencedora no Brasil, baseada em “alta qualidade, inovação e engajamento com o consumidor”. Atualmente, a planta de Jeddah produz empanados e cortes de frango, já atendendo sete países da região, incluindo Kuwait, Omã e Emirados Árabes Unidos. O foco primordial permanece no mercado saudita, mas a operação serve como base estratégica para ampliar as exportações halal para outros destinos. Para o executivo, o mercado é complementar e fortalece o que a Seara já desenvolveu no Brasil e em outros locais mundo afora. **D**

Wesley Batista, controlador da JBS: aporte em Jeddah reforça negócios locais



Olho no caixa

Faturamento bruto no campo deve recuar 2% em 2026 por preço internacional e queda de produtividade – a soja, contudo, está na contramão do quadro geral

O valor de produção da agropecuária no campo deve somar R\$ 1,4 trilhão neste ano, o que representará, caso se concretize, retração de 2% se comparado ao desempenho em 2025. O Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária é calculado periodicamente pelo Ministério da Agricultura. No ano passado, o faturamento bruto do setor soma R\$ 1,41 trilhão. A perspectiva de retração para os meses à frente é fundamentada em dois fatores: a combinação de preços menores esperados para as principais commodities agrícolas no mercado global e uma desaceleração na produtividade média das lavouras nacionais.

Mesmo que volume menor no campo, como é o esperado para a safra deste ano em comparação com a passada, possa significar melhores preços (já que a oferta cai), é preciso considerar as safras de outros países e a procura ou interesse de compra pelos alimentos. As projeções do VBP, detalhadas pela Secretaria de Política Agrícola, vale lembrar, faz o cálculo “dentro da porteira”, e refletem o faturamento bruto dos estabelecimentos rurais. É cruzado o volume produzido com a média de preços recebidos pelos produtores no país.

O VBP é atualizado mensalmente pelo ministério da Agricultura e é cal-

culado a partir de dados de produção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de preços oficiais, abrangendo 19 cadeias da agricultura e cinco atividades da pecuária. Não necessariamente a redução de faturamento bruto significa menores preços de alimentos na ponta do consumidor final, visto que outros fatores afetam outros elos da cadeia de comercialização.

Do total de faturamento bruto no campo previsto para 2026, as lavouras devem responder por R\$ 900,4 bilhões, o equivalente a 66% do total, embora o segmento apresente um recuo estimado de 3,2% em relação ao ano anterior. Já a produção pecuária deve somar R\$ 491,1 bilhões, ou fatia de 34% do faturamento total, registrando uma leve alta de 0,5% na comparação anual.

No âmbito da agricultura, o crescimento neste ciclo deve ficar restrito a

Produção agropecuária deve somar R\$ 1,4 trilhão neste ano



Soja: realidade distinta

A safra de soja em 2026 é um capítulo à parte da temporada de grãos brasileira. Enquanto esta segunda deve ficar reduzida em 1,8% na comparação com 2025, a de soja, pelo contrário, deve alcançar um novo patamar histórico produtivo de 176 milhões de toneladas, estima a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O volume total da safra do Brasil deve recuar principalmente pelas perdas nas lavouras de milho, o segundo tipo de grão mais produzido pelo país atrás da soja.

Caso se confirme a expectativa para a produção de grãos de soja neste ano, o país consolidará um crescimento de 2,7% na comparação com o total colhido na safra anterior. O desempenho robusto é sustentado por um avanço na área de cultivo. Os produtores brasileiros dedicaram o equivalente a cerca de 49 milhões de hectares para o plantio da soja na safra atual, o que representa um aumento de quase 3% em relação à área utilizada no ciclo passado.

O cultivo de soja ocorre em diferentes regiões do país, e começou no segundo semestre do ano passado. A tendência é que os trabalhos de colheita ganhem impulso e escala a partir do final deste mês, à medida que as lavouras atingem o ponto ideal de maturação em outras regiões produtoras. No Mato Grosso, principal estado produtor, o cenário é de otimismo moderado. As condições climáticas têm se mostrado favoráveis ao desenvolvimento da cultura, especialmente após chuvas mais abundantes e uniformes registradas na segunda quinzena de novembro e ao longo do mês de dezembro.

ALEXANDRE NEPOMUCENO



Lavouras agrícolas devem corresponder por 66% do total

poucas culturas, como batata-inglesa, café, mandioca, soja e uva. A soja, a protagonista do agronegócio brasileiro, deve apresentar um faturamento bruto 6,7% superior, atingindo R\$ 351,2 bilhões. Já o milho, segundo no ranking das commodities agrícolas, deve registrar um recuo anual de 9,3%, com VBP estimado em R\$ 150,7 bilhões. Enquanto isso, o trigo deve sofrer queda ainda mais acentuada de 18,1%, totalizando R\$ 8,5 bilhões.

O café surge com uma projeção positiva de R\$ 118,0 bilhões em faturamento bruto, alta de 3% em comparação a 2025. Contudo, outras cadeias relevantes enfrentam perdas de receita: cana-de-açúcar deve recuar 6,4%, para R\$ 109,3 bilhões; e a laranja projeta uma queda severa de 38%, recuando para R\$ 15 bilhões. O algodão também sinaliza baixa

de 17,8%, com R\$ 29 bilhões, enquanto o VBP do cacau deve encolher 33%, fixando-se em R\$ 7,7 bilhões. Já o arroz e o feijão devem registrar diminuições de 30,6% e 8,8% no faturamento bruto do produtor, nessa ordem, com receitas projetadas em R\$ 14,4 bilhões e R\$ 10,7 bilhões, respectivamente.

Na pecuária o maior impulso virá da cadeia de bovinos, que mantém a liderança do setor com um aumento estimado de 4,5% e faturamento projetado em R\$ 221 bilhões. A produção de suínos deve avançar marginalmente 0,2%, para R\$ 63 bilhões e o frango deve registrar R\$ 114 bilhões, com alta de 1,4%. Em contraste, a receita bruta do leite deve encolher 6,2%, para R\$ 68 bilhões, e a produção de ovos deve ter queda acentuada de 15%, totalizando R\$ 25 bilhões. **D**



Freepik
Estrutura no HC terá rede conectada a ambulâncias e centros cirúrgicos

A saúde do futuro

Primeiro 'hospital inteligente' do Brasil terá investimento inicial de R\$ 1,7 bilhão com apoio do banco dos Brics. Obra começa neste ano e estrutura terá rede integrada com ambulâncias e centro cirúrgicos para melhorar a eficiência

Alessandro Martins

Em um mundo tomado pela conectividade, avanços na robótica e inteligência artificial, era apenas uma questão de tempo até que saltos tecnológicos ganhassem terreno na medicina. Se já contribuem muito em pesquisas, entra na lista a gestão operacional. Neste início de ano saiu do papel o contrato de financiamento para o primeiro 'hospital inteligente' brasileiro, com o início das obras previsto para novembro de

2026. Mais que um prédio moderno, trata-se de um conceito muito mais amplo de integração tecnológica: inteligência artificial, telessaúde, automação hospitalar e ambulâncias conectadas por 5G permitem viabilizar comunicação em tempo real melhorando a eficiência no atendimento ao paciente.

Em alguns anos será possível, por exemplo, integrar as ambulâncias que estejam a caminho do hospital à estru-

tura de modo que a equipe médica receba um relatório completo do paciente que está a caminho, em tempo real, antes mesmo de o veículo sequer estacionar na porta de emergência. É apenas um exemplo pontual do que está por vir com a estrutura do Instituto Tecnológico de Medicina Inteligente (ITMI), o primeiro em novos moldes.

Tamanha a inovação, o hospital inteligente envolve diferentes esferas governamentais. O contrato que viabiliza financiamento de R\$ 1,7 bilhão com apoio do Novo Banco de Desenvolvimento, ligado aos Brics (grupo de cooperação econômica entre países em desenvolvimento formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) foi assinado neste início de janeiro entre o órgão e o governo federal. O ITMI será construído no complexo do Hospital das



*Ludhmila Hajjar:
novo hospital não
é cópia de modelo
estrangeiro*

Clínicas (HC), da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). O projeto, portanto, conta com uma parceria do governo paulista.

Em uma entrevista concedida à IstoÉ Dinheiro, a professora titular de emergências do HC da faculdade da USP e também coordenadora do hospital inteligente, Ludhmila Hajjar, comenta que o modelo tradicional hospitalar já não responde com a velocidade e a complexidade exigidas por emergências clínicas e epidemiológicas dos tempos atuais. “Os primeiros passos foram estratégicos. Antes de qualquer desenho arquitetônico, houve um esforço para pensar um modelo assistencial, de governança, com integração em rede e uso inteligente de dados. Não é apenas um prédio, é um projeto de sistema”, resume a médica.

Isso quer dizer que a estrutura será construída de modo a resolver muito mais do que o tempo em filas por meio de aplicação de triagem inteligente com

o auxílio de inteligência artificial (IA). O plano é que a nova estrutura forme uma rede nacional de serviços inteligentes ao estar conectada a hospitais universitários da UnB, UFRJ, UFMG e Unifesp. Desse modo terá maior capacidade de antecipação de crise, graças a sistemas modernos de monitoramento de surto e picos de demanda – além da agilidade para a troca de informações relacionadas aos pacientes.

Por meio da cooperação com o banco dos Brics, que facilitou a troca de informações, o complexo buscou inspiração em estruturas existentes em Índia, Europa e China, que conta com ao menos cinco hospitais que são referências mundiais. Um deles, o West China Hospital, realiza atendimento emergencial de mais de sete milhões de pessoas anualmente, e para isso conta com o que há de mais avançado na tecnologia, incluindo robôs médicos conectados por rede 5G e realidade virtual (VR) para permitir visitas remotas a pacientes das UTIs.

O hospital também desenvolveu um modelo de IA médica que realiza triagem inteligente, automação de documentos e fichas, além de uso de reconhecimento de voz para auxiliar nos prontuários, diminuindo o tempo de redação para apenas dois minutos. Apesar dos modelos que servem como inspiração, o hospital inteligente brasileiro quer ter uma identidade própria. A ideia é unir o que há de moderno visto mundo afora, adaptando à realidade brasileira.

“O ITMI não é uma cópia de nenhum modelo estrangeiro. É uma tradução crítica dessas experiências para o nosso contexto, respeitando o SUS [Sistema Único de Saúde], a diversidade regional e a necessidade de equidade”, continua Ludhmila Hajjar.

Inauguração em 2029

Por ora, o plano é que o hospital inteligente de São Paulo abra as portas em 2029. A estrutura terá 800 leitos com foco em emergência e deve servir de modelo assistencial, estrutural e formativo para o SUS. A médica coordenadora do novo hospital acrescenta que, mais que um hospital de alta complexidade, o ITMI é um “laboratório vivo de políticas públicas em saúde”, capaz de gerar protocolos, tecnologias e soluções replicáveis para outros serviços do SUS.

Vale reforçar que antes mesmo da concepção desse projeto, o Hospital das Clínicas já era um berço de avanços tecnológicos na área através de iniciativas como o Inova HC, uma espécie de hub de inovação fundado pela instituição em 2015. Esse braço viabiliza soluções para o HC da USP há seis anos, e conta com um laboratório de inteligência artificial que desenvolve projetos no setor de saúde.

Um dos destaques, desenvolvido em conjunto com o Instituto de Matemática da USP e a Amazon Web Services (AWS), é uma espécie de ChatGPT que ajuda magistrados em casos de judicialização. A ferramenta contribui quando um paciente entra na Justiça para solicitar a liberação de um medicamento, geralmente caro e/ou inacessível, através do SUS. Para tomar decisões, os juízes precisam analisar o caso do paciente, a eficiência dos medicamentos solicitados, checar recomendações de especialistas e decisões judiciais anteriores – processo que hoje é feito de maneira

*Contrato que viabiliza o
financiamento foi
assinado em janeiro*



fragmentada na plataforma do Fórum Nacional do Judiciário para a Saúde.

Ao condensar essas informações em um chatbot que responde perguntas específicas sobre cada caso, o juiz decide de modo mais ágil. “Só em 2025 foram 800 mil casos de judicialização no Brasil e esse piloto mostrou que as informações chegaram de forma mais rápida e segura aos juízes. Acima de tudo, queremos dar ferramentas para contribuir com uma decisão judicial de qualidade”, explica Giovanni Cerri, diretor do Inova HC.

Fora do setor público, grandes nomes da saúde também quebraram a cabeça, anteciparam tendências e viram os números dispararem na eficiência e lucro. A Rede Mater Dei, que atende em nove unidades espalhadas por três estados, implementou uma solução de Fila Virtual que permite que pacientes com demandas de menor gravidade possam entrar na fila remotamente, acompanhar o tempo estimado de atendimento e ver horários de pico através de um aplicativo do hospital.

“Nos inspiramos em modelos como o do Google Maps para restaurantes, onde é possível ver quais são os horários de maior movimento. Da identificação do problema à implementação foram aproximadamente cinco meses,

e poucos ajustes foram necessários”, conta Rodrigo Pereira, CEO da A3Data, companhia que desenvolveu a solução em parceria com a rede. A implementação da Fila Virtual reduziu o tempo de espera em 60% em suas unidades de pronto-socorro, além de permitir que os dados sejam utilizados de maneira preditiva e analítica.

“Se um atendimento de pediatria está demorando mais de duas horas, conseguimos identificar isso e nos preparar para agir, seja melhorando o fluxo da recepção, ou chamando mais médicos. Buscamos entender de maneira operacional”, explica Renata Salvador, vice-presidente da Rede Mater Dei de Saúde. O efeito para o caixa também é sentido. Como parte da transformação digital, Renata revelou que com a implementação de agentes de IA em seu ciclo de receita, a rede conseguiu atacar um dos maiores problemas históricos dos prestadores de serviços de saúde: as glosas. Glosas são a recusa ou não pagamento de itens em contas hospitalares e médicas por operadoras de planos de saúde, devido a falhas técnicas ou administrativas. Usando agentes, o Mater Dei reduziu o tempo de processamento de contratos e suas revisões, demonstrando um Retorno sobre Investimento

(ROI) superior a 500% em um quadri-mestre de 2025 (a companhia não especifica o exato período).

O ecossistema operacional de um hospital, contudo, depende de outras peças para engrenar como devido. Distribuidor de produtos e serviços em saúde há trinta anos, o Grupo Elfa usou a IA generativa para automatizar seu sistema de processamento de cotações e compras de medicamentos. “Os clientes nos enviam cotações em vários formatos: no corpo do email, documento do word, captura de tela. A solução filtra esses dados, avalia a marca que melhor atende o orçamento e qual centro de distribuição é o mais rápido para aquele cliente”, explica Herbert Ayres, gerente de TI do grupo.

Com isso, o tempo para responder a um pedido de cotação de cem itens caiu de cerca de 40 minutos para três minutos. Houve ganho em produtividade e lucro. O projeto gerou incremento de R\$ 365 milhões em receita nos primeiros 15 meses para a distribuidora. “É possível imaginar um futuro com agentes de IA por todos os lados: um comprador conversando com um vendedor, que se comunica com agentes de precificação, transportes. Tudo automático. Serão horas do que antes eram dias”, finaliza.



SP City Marathon, que completa dez anos, agora é patrocinada pela Nike

Passadas largas

Número de corridas de rua cresce 85% em um ano e aquece o universo que envolve marcas esportivas. De olho na conexão com o público que valoriza saúde e bem-estar, foco em provas famosas ganha força

Lena Castellón

O Brasil é a terra do futebol, mas também da corrida de rua, uma atividade cada vez mais popular. Um estudo da Associação Brasileira de Organizadores de Corridas de Rua e Esportes Outdoor (Abraceo), divulgado na semana passada, mostra uma forte expansão da prática em território nacional: em um ano, o crescimento foi de 85%. Em 2025, foram organizadas 5.241 provas, contra 2.827 em 2024, todas regulamentadas mediante documento emitido pelas federações de atletismo

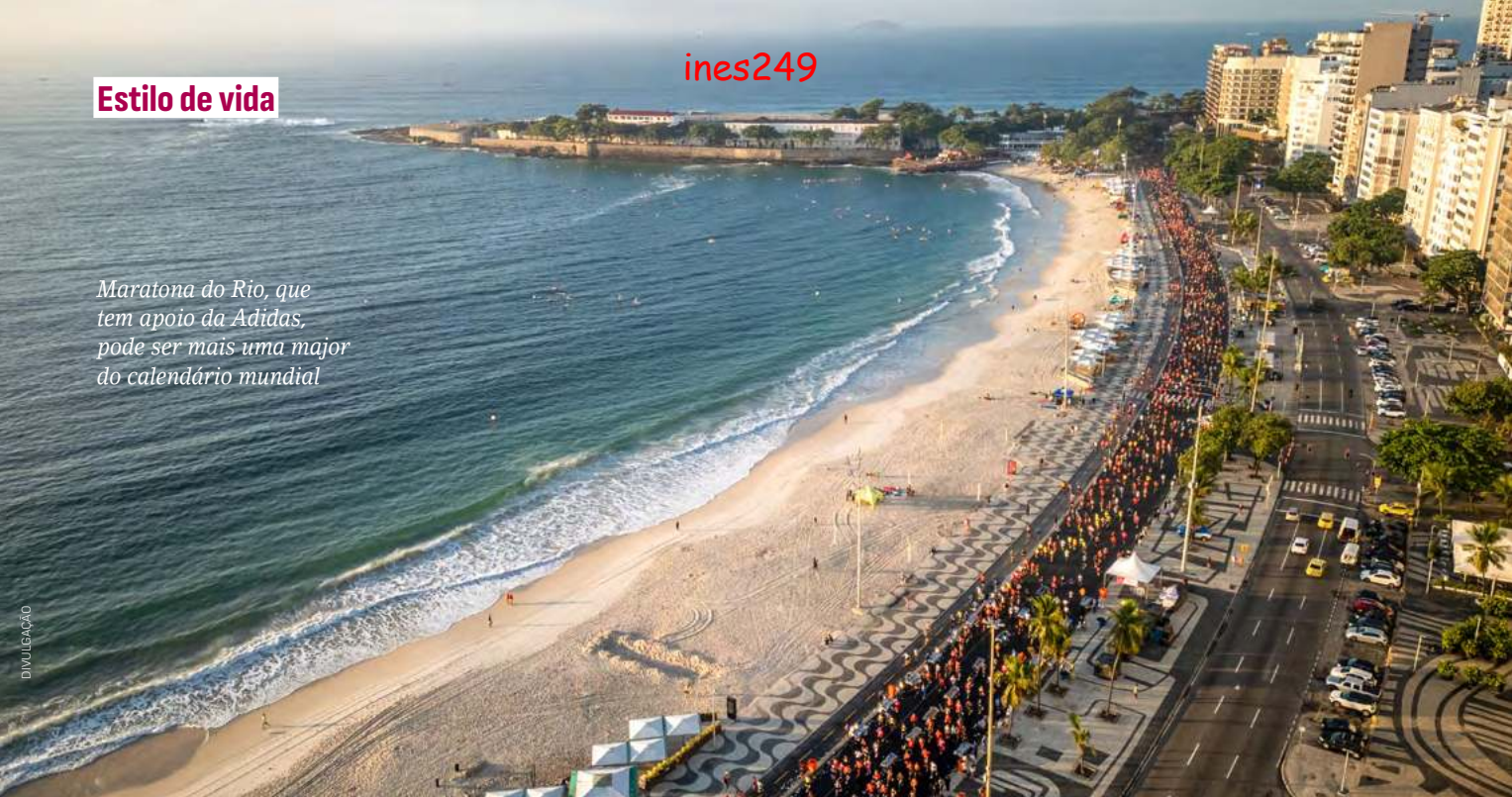
dos Estados e pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt).

Entre esses eventos, estão os capazes de atrair gente de todos os cantos do país e do exterior, como a Maratona do Rio e a São Silvestre, e também os atrelados a marcas e experiências ou que foram criados para atender perfis específicos de público. Ou seja, há oportunidades para qualquer pessoa que deseje se aventurar por esse universo. Com isso, grandes marcas esportivas aumentam as apostas em provas famo-

sas de olho em fortalecer a conexão com o público que busca saúde e bem-estar, de forma a expandir os seus negócios.

Guilherme Chelso, presidente da Abraceo, destaca que a corrida se tornou uma atividade mais feminina e mais jovem. No ano passado, elas superaram os homens nas inscrições em provas, como revela a entidade. Na verdade, retomaram a posição. Em 2017 e 2018, as mulheres representavam 53% dos participantes. A partir de 2019, porém, eles assumiram a dianteira, chegando a 55%

Maratona do Rio, que tem apoio da Adidas, pode ser mais uma major do calendário mundial



em 2022. Desde então, as corredoras foram crescendo a presença nos eventos pelas ruas do Brasil até que, em 2025, chegaram a 52,4% desse público – eles agora são 47,5% do público total. Os dados são de um levantamento da Ticket Sports, plataforma de venda de inscrições para eventos esportivos realizados na América Latina, e eles balizam as análises nacionais da Abraceo. Em relação à idade, a média ficou em 38 anos. A Geração Y (29 a 44 anos) é a prevalente, com 49,4% da participação, seguida da Geração X (45 a 60 anos), com 23,3%.

“Mudou bastante o cenário em comparação ao que era antes da pandemia. Está entrando, de maneira intensa, uma nova leva de corredores. Há uma preocupação maior com a saúde. Antes, o corredor era alguém de 45 anos que, depois de formar família, começava a dar mais atenção para esse lado. Hoje, o cuidado vem mais cedo”, diz Chelso. Ele também comenta outro fenômeno dos novos tempos: existe uma quantidade grande de influenciadores de corrida surgindo nas redes, o que até virou uma fonte de monetização.

Mercado bilionário

A Ticket Sports dimensionou, no ano passado, quanto movimentava esse mercado: R\$ 1,1 bilhão. O cálculo se baseou no total de inscrições projetadas para 2025, a partir da base da platafor-

ma e também de concorrentes. Esses números incluem eventos realizados sem o permit, o documento liberado pelas federações de atletismo. Isso significa mais de 11 mil provas espalhadas pelo país. As entidades esportivas batalham para que mais competições sejam organizadas com a certificação, que assegura a disponibilidade de atendimento médico e a montagem de um percurso com segurança, entre outros benefícios.

Mas quantos são os corredores no Brasil? No ano passado, eles eram 13 milhões, de acordo com um estudo encomendado pela Olympikus para a consultoria Box 1824. A segunda edição desse trabalho foi apresentada na quinta-feira, 29, e atualizou o número: são 15 milhões, um aumento de 14%. É um contingente equivalente à reunião das populações da Dinamarca (9 milhões) e da Áustria (6 milhões).

Para esses brasileiros, a atividade se encaixa em diferentes propósitos. “A corrida era antes algo mais para o atletismo do que para o coletivo. Hoje, tem a pessoa que busca performance e a que busca algo mais social. Com as redes, tornou-se um momento que você compartilha. Então, ela também é de todos. E há outro fenômeno se formando, o das crews [grupos de pessoas unidas por um interesse], em que se corre por uma causa, por um grupo. A corrida é, assim, um ambiente de encontro de comunida-

des; é manifesto”, avalia Marcio Callage, CMO (Chief Marketing Officer) da Vulcabras, grupo que produz a Olympikus e licencia as marcas internacionais Under Armour e Mizuno no Brasil.

Não à toa, a Olympikus – que completou 50 anos em 2025 e comemorou o feito com o patrocínio de 50 corridas – decidiu apoiar alguns desses grupos, como as Chapadinhas por Endorfina, uma comunidade criada por e para mulheres. No calendário de provas apoiadas pela marca, há um treínão (que não chega a ser uma prova, mas uma atividade com distâncias variadas) com as Chapadinhas, em abril, que será realizado em Belo Horizonte.

A Olympikus tem um evento proprietário, que chega à 12ª edição neste ano, o Bota Pra Correr (BPC). Trata-se de um circuito criado em 2019 com a proposta de levar gente para conhecer o Brasil correndo. A prova já levou milhares de pessoas a destinos como Jalapão, Pantanal, Alter do Chão, Chapada dos Veadeiros e São Miguel dos Milagres. Normalmente, ocorre em duas etapas no ano. Em 2025, a última prova foi em Cumbuco (CE). Mas desta vez, por ser ano de eleição, só haverá uma corrida e o local escolhido é a Chapada dos Guimarães (MT), nos arredores do parque nacional. O formato mistura esporte, música, cultura local, integração com comunidades, sustentabilidade, gastro-

Bota Pra Correr, da Olympikus, aconteceu em Cumbuco (CE); próxima edição será na Chapada dos Guimarães (MT)



GUI GUEDES

nomia regional, talks e ativações. As inscrições abrem em fevereiro.

Maior vendedora de tênis do país, com 15 milhões de pares comercializados por ano – e a linha de corrida respondendo por 20% do faturamento –, a Olympikus está integrada ao calendário das principais provas brasileiras. Patrocina a Maratona Internacional de São Paulo, em abril, e assumiu neste ano o naming rights da Maratona Internacional de Porto Alegre, que ocorre em maio. A expectativa em relação ao evento gaúcho é um aumento excepcional de participação, pulando de 20 mil corredores para 30 mil.

“O interesse cresce porque essa é uma prova de velocidade, rápida mesmo. A temperatura é amena e o percurso bem plano. Para quem quer fazer performance, essa é a escolha. É a Boston do Brasil”, diz Callage, referindo-se a uma das majors (as maratonas mais famosas do mundo) do esporte, cobiçadíssima entre os corredores brasileiros de alto desempenho. As provas mais prestigiadas, com nível técnico elevado e duro de alcançar, compõem a World Marathon Majors. São seis: Boston, Nova York, Londres, Berlim, Chicago e Tóquio.

Uma major no Brasil?

Uma das estrelas do calendário nacional é uma prova cotada para ser a major da América do Sul, a Maratona do Rio, que será disputada em junho. “No ano passado, disseram que ela está tentando obter o certificado de major. É a

nossa maior candidata. Uma major está muito ligada ao apelo turístico”, pondera Chelso, da Abraceo.

A Dream Factory, uma das organizadoras da Maratona do Rio, junto com a Spiridon, conta que, em 2025, foi batido um recorde: 60 mil corredores inscritos, 33% a mais do que no ano anterior (45 mil). As distâncias disponíveis (as mesmas da edição passada) são 5 km, 10 km, meia-maratona de 21 km, maratona de 42 km e o Desafio 21+42 km. Neste ano, o modelo de inscrição seguiu o padrão das majors: sistema de sorteio gratuito (via Loteria Federal) para fazer inscrições, no caso para as provas de 21 km, 42 km e Desafio. A Dream Factory explica que a razão foi a alta demanda.

Dois dados chamam atenção sobre a edição 2025. O impacto total do evento na economia do Rio, de acordo com estudo da FGV, foi de R\$ 587,4 milhões, aumento de 65% sobre 2023, quando foi realizada a pesquisa anterior. É bom acrescentar que 85% dos inscritos são de fora da cidade. Outro recorde do ano passado é que 42 marcas se envolveram com a prova, e foram mais de 30 produtos licenciados.

Patrocinadora esportiva da Maratona do Rio, a Adidas afirma que o evento é sua principal plataforma de running no país e “um dos projetos mais estratégicos da marca na América Latina”, ressalta Bárbara Ikari, gerente sênior de marketing da empresa no Brasil. A corrida está entre as três principais categorias da companhia, com futebol e

training. Segundo Bárbara, a parceria com a maratona, que está em seu quinto ano, permite “entregar, em escala, tudo aquilo em que a Adidas acredita: inovação em produto, democratização e incentivo à prática esportiva”. Dentre as majors, ela patrocina a de Berlim.

Outra corrida emblemática do Brasil é a São Silvestre, que em 2025 realizou sua 100ª edição, que teve problemas na distribuição de camisetas e medalhas, com gente burlando o sistema de números de peito, falsificando a participação. Organizadora da prova no ano passado, junto com a Fundação Casper Líbero, dona da marca, a Vega Sports argumenta que essa é uma das provas mais democráticas do mundo, com corredores de 95 anos e de 18 anos. Marcos Yano, CEO da empresa, diz que, por ser muito desejada, é tomada por grupos “que surgem para atrapalhar”. Para atender quem ficou sem seu kit, eles estão utilizando inteligência artificial para identificar quem pegou as medalhas alheias. Por outro lado, Yano garante que até o fim do mês todos os inscritos que ficaram sem os itens vão recebê-los em casa.

Na 100ª edição, as inscrições se esgotaram em horas. Depois, houve fase de sorteio. A Vega está estudando o formato para a próxima prova. Incluindo a São Silvestre, a empresa calcula que terá de 45 a 50 eventos em 2026: 30 já estão confirmados. No ano passado, foram 24. “Se pegarmos como base o ano de 2024, vamos ter um aumento de cerca

Estilo de vida



São Silvestre, que teve problemas na edição centenária, já está preparando a próxima corrida

A Iguana Sports é a responsável pela organização da SP City Marathon. “Nesta edição comemorativa, o evento terá limite de 35 mil corredores”, revela Eliane Verderio, CEO da empresa, focada em São Paulo. Ela antecipa que a maratona terá muitas ativações no período pré-prova, assim como atrações ao longo do percurso e “uma largada pensada para ser inesquecível”.

Conexão com o público

Patrocinadora da major de Chicago, a Nike entende que inovação na corrida passa cada vez mais pela combinação de como a marca se conecta com quem corre e pela oferta de produtos mais adequados às necessidades de quem coloca o pé no asfalto. “Temos olhado para a jornada de ponta a ponta, entendendo como a corrida aparece no dia a dia das pessoas – na rua do bairro, nos parques, nas crews locais, nas grandes provas – e oferecendo produtos e fomentando iniciativas que aproximem a marca desses diferentes momentos”, explica Aguiar. A Nike apoia grupos como City Runners, em São Paulo, e Calma Clima Crew, em Belo Horizonte. “Esses coletivos criam ambientes de acolhimento, pertencimento e progressão para corredores de vários níveis”.

No universo da corrida, tem sempre gente com experiência e iniciantes. Especializada em fotos de corridas, a Fotop está nas ruas desde 2015 e tem obtido 100% de crescimento ano a ano, de acordo com o CEO André Chaco. Ele pontua que os eventos têm impulsionado provas menores e treinos e isso também entrou no radar da Fotop, que lembra que as redes sociais também movimentam esse mundo. Na esteira do avanço do esporte, também cresce o interesse por consultorias, acionadas especialmente por marcas que não fazem parte do meio esportivo. Para o consultor Felipe Campos, que orienta os investimentos de uma companhia de energia em corridas de rua, os diferentes perfis de participantes possibilitam que as empresas tenham interações diretas com seu público-alvo. **D**

de 180% de provas para 2026. Só isso já mostra como o mercado de corrida tem crescido e tem um potencial enorme ainda”, salienta Yano. Entre as provas deste ano estão as duas etapas da Golden Run, circuito da Asics que completará 15 edições. A marca patrocinou a São Silvestre.

Dentre as grandes marcas esportivas, a Nike terá como sua principal iniciativa

em 2026 o patrocínio à SP City Marathon, que chega a seu 10º ano. Para Renato Aguiar, diretor de marketing da Fisia, distribuidora oficial da Nike no Brasil, essa é uma das maratonas mais relevantes do calendário nacional. “Queremos fortalecer a experiência dos corredores ao longo de toda a jornada e consolidar o evento como um dos grandes símbolos da corrida de rua no país”, afirma.

Brasil registrou recorde de turistas no ano passado



'Hermanos' aos montes

Desembarque de argentinos em destinos brasileiros cresceu 73% em apenas um ano devido à política cambial do governo do país

O Brasil registrou recorde de turistas em 2025, mas o topo da lista ainda é formado pelo mesmo público desde pelo menos 2018: os vizinhos argentinos. Mas o que chama a atenção é a alta do volume de 'hermanos' (irmãos, em espanhol, e como os brasileiros se referem ao argentino informalmente) que têm desembarcado por aqui a ponto de impulsionar os dados totais do turismo

brasileiro. Os turistas argentinos contribuíram significativamente para a alta de 35% no volume de desembarques de estrangeiros no ano passado. Foram nove milhões de visitantes em 2025 em comparação a 6,7 milhões de pessoas em 2024.

Os vizinhos argentinos aumentaram o número de viagens com o "dólar mais barato" por lá. Nesse cenário, o Brasil vira um destino com bom custo-benefício,

uma vez que o real é uma moeda desvalorizada para quem tem dólares. No ano passado, cruzaram a fronteira aproximados 3,4 milhões de turistas vindos da Argentina, um crescimento de 73% em comparação a 2024. Em 2018, dado mais antigo disponibilizado pela Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), 2,5 milhões de argentinos visitaram o Brasil.

Mais que os vizinhos...

Mais que praia, futebol e carnaval, o cinema e a literatura, além dos shows e outros esportes (como o skate e o surfe), contribuíram, em anos recentes, para o enriquecimento da marca Brasil e da influência brasileira globalmente. Desse modo, o país tem atraído não só mais vizinhos, como pessoas de outros continentes – como franceses, alemães e portugueses –, segundo dados da Embratur. O cinema tem sido uma influência poderosa para atrair esses turistas. No ano passado, o premiado 'Ainda estou aqui' foi o chamariz, um fator que se repete em 2026 com as premiações de 'O Agente Secreto' no Globo de Ouro e as indicações para o Oscar. No esporte, Raíssa Leal, no skate, e Rebeca Andrade, na ginástica olímpica, são exemplos de figuras que tem contribuído para isso.

Houve até contribuição recente da literatura. A tiktoker americana Courtney Henning Novak viralizou ao se encantar com o livro 'Memórias Póstumas de Brás Cubas', de Machado de Assis. Courtney havia se desafiado a ler um livro clássico de cada país, se organizando por ordem alfabética. E logo na letra 'B' ela ficou tão impactada com a obra que até hoje ainda a tem como o seu livro preferido. Não parou por aí. Ela leu outros livros brasileiros, aprendeu algumas palavras em português e foi conferir a novela Avenida Brasil, outro produto cultural tradicionalmente exportado pelo país.

ALILE DARA ONAWALE



Produções premiadas como 'Ainda estou aqui' elevam interesse pelo país

O jornal argentino 'La Nación' informa que o país tem um déficit no turismo, ou seja, mais argentinos saem do país para conhecer outros destinos do que entram visitantes estrangeiros. Dados do Idec (o equivalente argentino ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Brasil) mostram que entre janeiro e novembro do ano passado saíram 11 milhões de viajantes argentinos, volume bem maior em comparação à entrada de 4,8 milhões de turistas estrangeiros. O país vizinho teve um saldo negativo de pouco mais de seis milhões de pessoas – o maior já registrado.

Os chilenos foram o segundo grupo de turistas a desembarcar no Brasil em 2025, com pouco mais de 800 mil visitantes, em comparação aos cerca de 654 mil do ano anterior. Em terceiro lugar estão os estadunidenses, com quase 760 mil, ou 8,2% do total, pouco crescimento em relação aos 728,5 mil de 2024. Um dos destinos favoritos é Foz do Iguaçu, no Paraná – Rio de Janeiro e Salvador, na Bahia, também entram na lista.

Receita recorde

O volume histórico de turistas também gerou recorde na receita. Foram cerca de US\$ 8 bilhões (cerca de R\$ 45 milhões) circulando em mercado brasileiro em comparação aos US\$ 7,3 bilhões registrados em 2024. Em entrevista recente à IstoÉ Dinheiro, Marcelo Freixo, presidente da Embratur disse ser importante destacar que o turismo já representa 8% do Produto Interno Bruto (PIB) do país. O resultado deve-se também a um trabalho segmentado para cada estado do país baseado em inteligência de dados. Na mais recente edição do Barômetro Mundial do Turismo, pesquisa feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), divulgada na terça-feira, 20, o Brasil apareceu em destaque como um dos países em que o turismo internacional mais cresceu. Com alta de 37% em 2025, o país superou destinos que também tiveram forte expansão, como Egito, com 20%; Marrocos, 14%; e Ilhas Seychelles, com 13% de alta. **D**

Will Bank, classe social e moda de guarda-chuva

Os perrengues de clientes do banco em liquidação extrajudicial, como é calculado o perfil de renda do brasileiro e a empreendedora que recupera guarda-chuvas foram destaque nas redes

Will Bank: clientes ainda precisam pagar fatura após liquidação extrajudicial

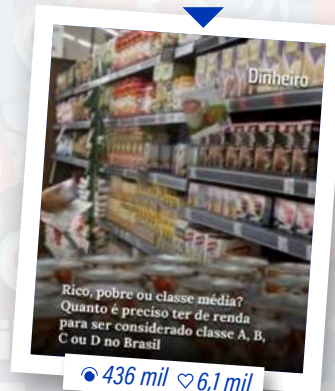
Com a liquidação extrajudicial da Will Financeira pelo Banco Central (BC), clientes do Will Bank amanheceram na quarta-feira, 21, com suas contas no banco bloqueadas e seus cartões sem funcionar. Apesar disso, a obrigação de arcar com a fatura aberta e com possíveis parcelamentos no cartão de crédito, no entanto, segue válida, explicam advogados.



526 mil 1,4 mil

Rico, pobre ou classe média? Quanto é preciso ter de renda para ser considerado classe A,B, C OU D no Brasil

Saber em qual classe econômica uma pessoa se encaixa é uma dúvida comum no Brasil. As metodologias para cálculo de em qual das 'caixinhas' cada fatia da população se enquadra divergem, dado que cada parte da academia defende recortes diferentes. Alguns pesquisadores optam por dividir a população brasileira em três grupos (donos do capital, classe média e vulneráveis) e analisar a renda média de cada um, enquanto outros defendem a divisão por faixas de renda.



436 mil 6,1 mil

Quanto investir por mês para fazer uma festa de casamento daqui 2 anos

O pedido de casamento costuma vir acompanhado de uma euforia imediata, mas, assim que a adrenalina baixa, surge a pergunta inevitável: quanto custa transformar o sonho em realidade? O primeiro passo é justamente fazer um orçamento de todos os itens necessários para a cerimônia e a festa desejadas. Entre os gastos mais frequentes no planejamento estão buffet, local da recepção, decoração, flores, som e iluminação, bar de drinks, fotografia, vestido, assessoria e filmagem. Um levantamento da plataforma Casar.com afirma que o custo médio da cerimônia no país é de R\$ 69 mil.



134 mil 1,2 mil

Guarda-chuvas ajudam empreendedora a evitar descarte de mais de 1.000kg de resíduos

Marina Giongo transforma guarda-chuvas descartados em moda autoral e impacto social, tendo evitado que mais de 1 tonelada de resíduos fosse para o lixo desde 2019. À frente da CÔS Costura Consciente, ela ressignifica materiais que levariam décadas para se decompor em um negócio social, que gera renda para mais de cem costureiras no Sul.



30 mil 213



3 mil 42

O legado feminino em São Paulo

A capital paulista celebra 472 anos neste domingo, 25, construídos sob o impacto de figuras femininas que transformaram tanto sua paisagem física quanto cultural. De ícones do Modernismo e da arquitetura a importantes vozes da gastronomia e do cinema, o olhar delas foi determinante para construir a cidade como a conhecemos hoje. A IstoÉ Mulher mostra seis trajetórias que convertem a cidade em símbolo cultural.

www.istoedinheiro.com.br

TikTok: tiktok.com/@revistaisto

Instagram: instagram.com/istoe_dinheiro/

LinkedIn: linkedin.com/company/istoe-dinheiro/

YouTube: myoutube.com/@istoe_dinheiro

X: x.com/istoe_dinheiro

Facebook: facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra



"Vivemos um dos momentos de maior retrocesso em matéria de integração"

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil, em evento de líderes da América Latina, sobre a falta de posição regional comum diante da recente intervenção militar americana na Venezuela



"Acho que ninguém tem fé em Delcy Rodríguez"

Maria Corina, principal líder da oposição na Venezuela, sobre a atual presidente do país



"Haverá reuniões técnicas entre nós e nossos parceiros na Groenlândia e na Dinamarca sobre esta questão, e acredito que iniciamos um processo que levará a um bom resultado para todos"

Marco Rubio, secretário de Estado americano, sobre a questão da "tomada" da Groenlândia pelos Estados Unidos

"Seria extremamente difícil para a Europa se defender atualmente porque, em termos de inteligência, armas nucleares, etc., dependemos dos Estados Unidos"

Mette Frederiksen, primeira-ministra da Dinamarca, sobre tensões relacionadas ao interesse americano em tomar a Groenlândia



"O que o ICE está fazendo é violência sancionada pelo Estado. Isso deve parar"

Chuck Schumer, líder democrata no Senado dos EUA, sobre a forma de agir do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE) do país, que já resultou em duas mortes



Regulador sob nova direção: o que muda no mercado americano?



**Carlos
Portugal
Gouvêa**

é sócio do PGLaw, professor da USP e doutor por Harvard

A chegada de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, em janeiro de 2025, trouxe mudanças significativas na Securities and Exchange Commission (SEC), a agência reguladora dos mercados de capitais do país. Sob o novo presidente da SEC, Paul Atkins, a agência adotou uma abordagem diferente em três áreas críticas: redução nas ações de fiscalização, abandono das regras climáticas e uma guinada na regulação de criptoativos.

Sobre as ações de fiscalização da SEC, houve queda histórica. O ano de 2025 marcou a menor atividade em uma década. Segundo estudos privados, a agência iniciou apenas 313 ações punitivas, uma queda de 27% em relação a 2024 e de 38% comparado a 2023. E apenas quatro ações foram direcionadas contra companhias de capital aberto no ano passado, o número mais baixo desde 2013.

Os valores das multas e acordos despenharam 45%, totalizando US\$ 808 milhões, ou menos da metade da média anual de US\$ 1,9 bilhão entre 2016 e 2024. Atkins, que foi diretor da SEC entre 2002 e 2008, sempre foi cético quanto a penalidades pesadas. Agora na presidência, ele reorientou o foco para grandes casos de fraudes, com menos atenção a meras falhas na divulgação de informações.

A redução na força de trabalho também contribuiu para a desaceleração. A SEC perdeu 15% de seus funcionários, com centenas aceitando ofertas de desligamento voluntário. Para companhias de capital aberto, isso significa menor probabilidade de enfrentar investigações por questões técnicas ou de controles internos. No entanto, é difícil mensurar o quanto uma atuação mais preventiva, que tinha sido a direção da SEC após a crise de 2008, não pode também prevenir crises sistêmicas futuras.

Fim das Regras de Divulgação Climática

Mais uma mudança recente entre as mais marcantes foi o abandono completo das regras de divulgação climática implementadas em março de 2024, com a SEC sob gestão de Gary Gensler. Essas normas exigiam que companhias abertas listadas nas bolsas dos Estados Unidos divulgassem informações detalhadas sobre riscos climáticos e emissões de gases de efeito estufa.

Em 27 de março de 2025, a SEC votou para encerrar sua defesa das regras climáticas perante os tribunais. Alguns estados e partes privadas apresentaram ações contra as regras, que foram declaradas suspensas. Na prática, isso significa que as regras climáticas foram arquivadas. Por um lado, pode-se interpretar que isso elimina custos significativos de compliance e reduz a carga regulatória. Por outro lado, pode retardar a preparação da economia americana para os efeitos da crise climática, conforme demandava uma parte do setor financeiro e da indústria de seguros.

Mudança Radical na Regulação de Criptoativos

Talvez a mudança mais dramática tenha ocorrido na abordagem regulatória dos criptoativos. A agência criou uma Força-Tarefa de Criptomoedas em janeiro de 2025. Simultaneamente, dissolveu a Unidade de Ativos Cripto e Cibernética, da Divisão de Fiscalização, substituindo-a por uma Unidade de Ciber e Tecnologias Emergentes focada em fraudes por inteligência artificial.

O impacto foi imediato. A SEC arquivou sua ação contra a Coinbase, a maior plataforma de criptomoedas americana, assim nos casos contra Binance, Ripple, Gemini, Uniswap Labs, OpenSea, Crypto.com, Robinhood e Ondo Finance. A mudança representa uma virada de 180 graus. Sob Gensler, a SEC adotou a "regulação por fiscalização" de criptoativos. Atkins prometeu o oposto, criando regras claras para ativos digitais, o que poderia ser positivo para investimentos, com mais segurança jurídica. Mas tudo dependerá da qualidade das regras propostas, de forma que ainda existe alguma incerteza.

Expectativas para 2026

A expectativa é se a tendência de menor número de ações de fiscalização será mantida e se teremos novas regras para criptoativos. No caso de companhias e investidores brasileiros, a maior questão é a atuação da recém-criada "Força Tarefa Transfronteiriça para Combate à Fraudes", que investigará fraudes de emissores estrangeiros. Saberemos os possíveis efeitos quando começarem as primeiras investigações de companhias estrangeiras. **D**

ines249

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

